



Diário  dos Açores

O quotidiano mais antigo dos Açores

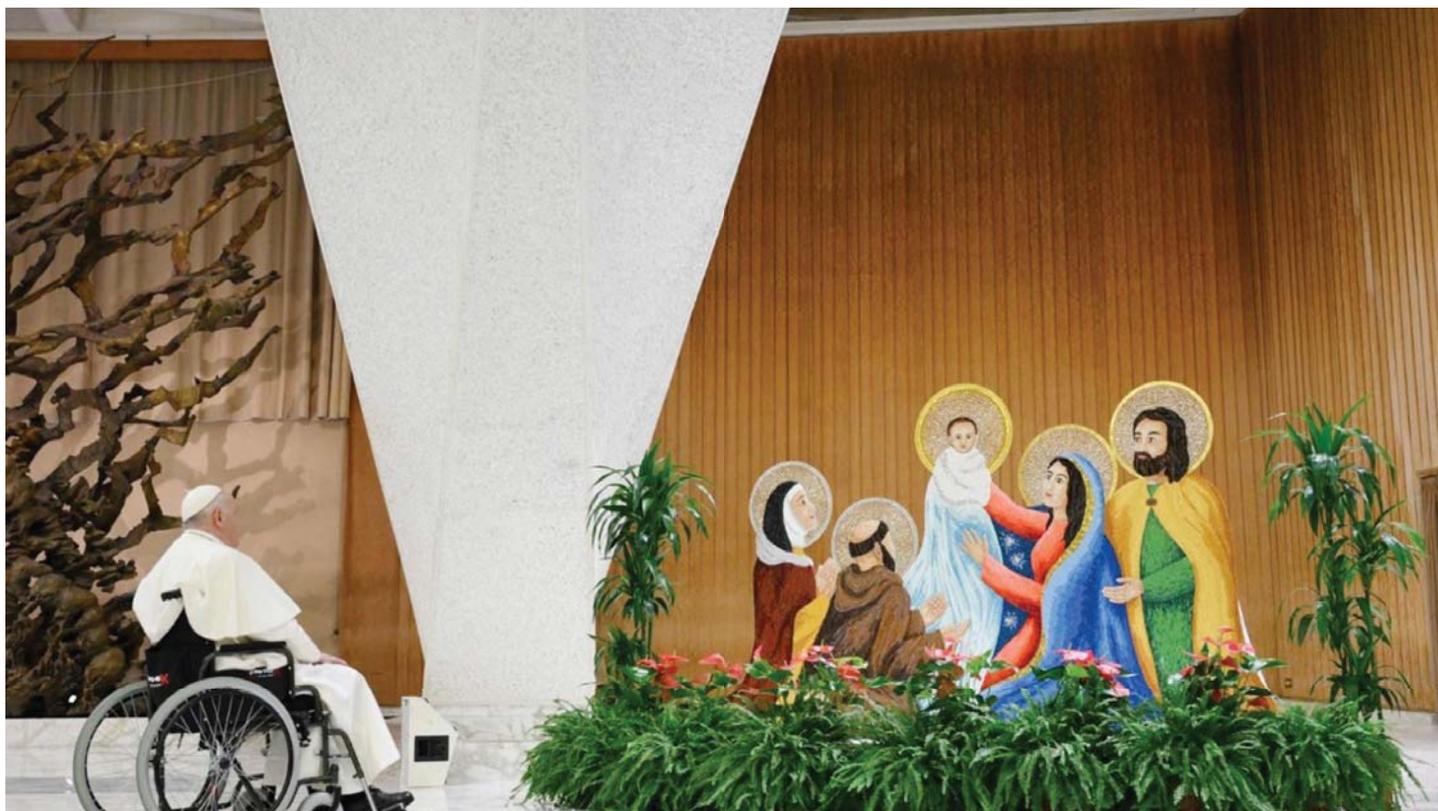
*Natal
de esperança
no coração*

SUPLEMENTO ESPECIAL DE NATAL 2023

Mensagem do Papa Francisco nesta quadra

O frenesim dos presentes tira espaço para a maravilha diante do presépio

Foto: Vatican Media



“O presépio de Greccio, escola de sobriedade e alegria” foi o tema da catequese do Papa Francisco na Audiência Geral realizada na Sala Paulo VI.

O Pontífice recordou que São Francisco de Assis, no Natal de 1223, 800 anos atrás, “criou o presépio vivo em Greccio”, na Itália. A seguir, o Santo Padre se deteve na origem do presépio, recordando as palavras de São Francisco de Assis: “Quero lembrar o menino que nasceu em Belém, os apertos que passou, como foi posto num presépio, e contemplar com os próprios olhos como ficou em cima da palha, entre o boi e o burro”.

Diante do presépio a atitude religiosa da maravilha

Segundo o Papa, São Francisco “não quer criar uma bela obra de arte, mas suscitar, através do presépio, a maravilha pela extrema humildade do Senhor, pelas dificuldades que sofreu, por nosso amor, na pobre gruta de Belém. Com efeito, o biógrafo do Santo de Assis observa: “Greccio tornou-se uma nova Belém, honrando a simplicidade, louvando a pobreza e recomendando a humildade”.

Eu sublinhei uma palavra: a maravilha. Isso é importante. Se nós cristãos olharmos o presépio como uma coisa bonita, como uma coisa histórica e também religiosa e rezarmos, isto não é suficiente. Diante do mistério da encarnação do Verbo, diante do nascimento de Jesus é necessária a atitude religiosa da maravilha. Se eu diante dos mistérios não chego a esta maravilha, a minha fé é simplesmente superficial. Uma fé de informática. Não se esqueçam disso.

O presépio nos traz de volta ao que importa

A seguir, o Papa falou sobre a primeira característica do presépio. Segundo ele, o presépio nasceu como escola de sobriedade. “Isso tem muito a dizer para nós também.

“Hoje, de fato, o risco de perder o que importa na vida é grande e paradoxalmente aumenta mesmo perto do Natal. Muda-se o ambiente do Natal: imersos num consumismo que corrói o seu sentido, o consumismo do Natal.”

“É verdade que se sai para comprar presentes, tudo bem, mas com o frenesim de comprar presentes isso acaba atraindo a atenção para outro lado e não há aquela sobriedade do Natal. Não há espaço interior para a maravilha, mas apenas para organizar as festas, fazer compras”. “Tudo bem, mas com que espírito eu faço isso?”, perguntou Francisco.

O presépio foi criado para nos trazer de volta ao que importa: a Deus que vem morar entre nós. Por isso, é importante olhar para o presépio porque nos ajuda a entender o que importa e também as relações sociais de Jesus naquele momento a família, José e Maria, e os entes queridos, os pastores. As pessoas antes das coisas, e muitas vezes nós colocamos as coisas antes das pessoas e isso não é bom.

A alegria é algo diferente da diversão

O presépio de Greccio, além da sobriedade, também fala de alegria, “porque a alegria é uma coisa diferente da diversão”.

Mas se divertir não é ruim se você fizer isso em boas estradas. Não é algo ruim, é uma coisa humana. Mas a alegria é ainda mais profunda. Mais humana.

Às vezes há a tentação de se divertir sem alegria; divertir-se fazendo barulho, mas sem alegria. É um pouco como a figura do palhaço, que ri, ri, faz rir, mas o coração está triste. A alegria é a raiz da boa diversão no Natal. A sobriedade, a maravilha, nos leva à alegria, à verdadeira alegria, não à alegria artificial.

O presépio é como um Evangelho vivo, um Evangelho doméstico

“De onde vinha essa extraordinária alegria natalina? Certamente não por ter levado presentes para casa ou por ter vivido celebrações suntuosas. Não, era a alegria que transborda do coração quando tocamos com as próprias mãos a proximidade de Jesus, a ternura de Deus, que não nos deixa sozinhos, mas nos consola”, disse Francisco. “Proximidade, ternura e compaixão, estas são as três atitudes de Deus. Olhando para o presépio, orando diante do presépio, seremos capazes de sentir essas coisas do Senhor que nos ajuda em nossa vida cotidiana”, sublinhou.

O Papa concluiu, dizendo que “o presépio é como um pequeno poço do qual tirar a proximidade de Deus, fonte de esperança e de alegria. O presépio é como um Evangelho vivo, um Evangelho doméstico. É como o poço na Bíblia, um lugar de encontro, onde levar a Jesus, como fizeram os pastores de Belém e o povo de Greccio, as expectativas e as preocupações da vida”.



O famoso presépio da “senhora Estrelinha” Casa do Povo do Pico da Pedra expõe presépio tradicional com bonecos de pano com mais de 50 anos

POR NICOLE BULHÕES



Pelo 2º ano consecutivo, na Casa do Povo do Pico da Pedra, pode encontrar um presépio tradicional com bonecos de pano, cuja história de algumas figuras já remonta para há mais de 50 anos. Este presépio foi construído por Maria da Estrela Sousa, já falecida, mas foi adquirido pela Casa do Povo do Pico da Pedra de modo a manter o seu legado vivo para as gerações futuras.

O Diário dos Açores esteve à conversa com José Maria Cardoso Jorge, presidente da Casa do Povo do Pico da Pedra, para saber mais sobre a história deste presépio tradicional.

“Este presépio é muito antigo. Foi todo construído boneco a boneco por uma senhora chamada Maria da Estrela Sousa, que residia no Pinhal da Paz. O marido era o feitor e eles tinham lá casa de moradia, onde residiam e tomavam conta em simultâneo de toda aquela propriedade, que na altura era particular”, começou por contar José Maria Cardoso Jorge.

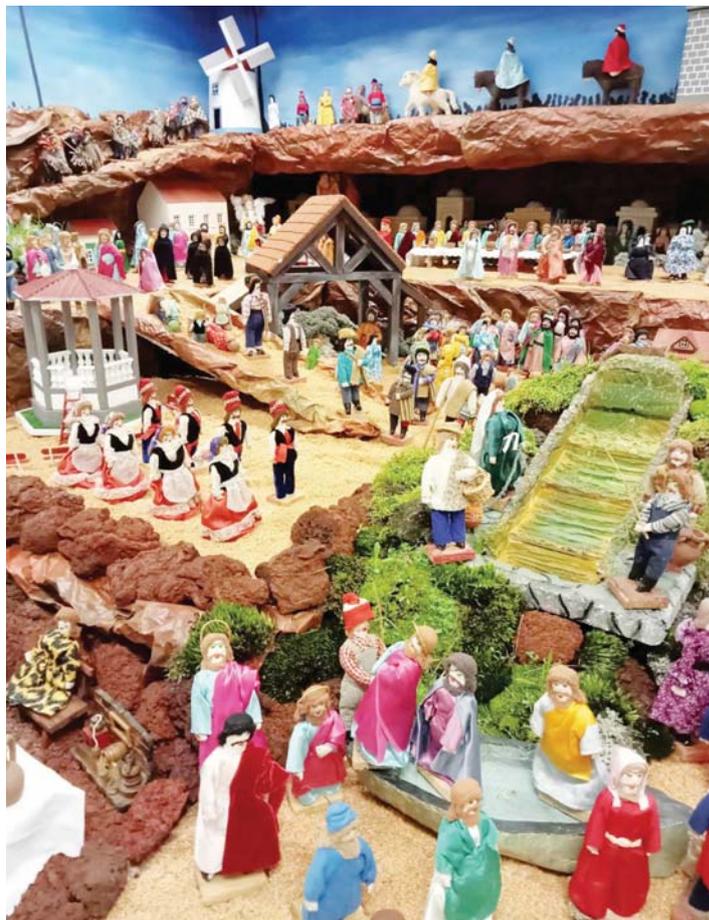
“Ora, não havia lá electricidade e, portanto, a senhora passava lá serões sem ter nada para fazer, a não ser tomar conta dos seus 3 filhos (se a memória não me falha). Também eram pessoas de fracos recursos económicos e, então, ela começou a fazer bonecos em tecido com retalhos que ela já tinha e que também lhe eram oferecidos. Ela fazia estes bonecos nas suas horas vagas e construía o seu presépio todo em

pano”, explicou o presidente da Casa do Povo do Pico da Pedra.

Passado algum tempo, Maria da Estrela Sousa e o seu marido mudaram-se para o Pico da Pedra, mais precisamente para a Avenida da Paz, e o hábito de fazer figuras de pano para o seu presépio não desapareceu: “Ela tinha aquele hábito, quase como um vício, e continuou a fazer mais cenas. Ela não se limitava a fazer só as figuras principais como a Sagrada Família, os Reis Magos, ou os pastores, também começou a fazer cenas da vida de Cristo, todas aquelas cenas mais fortes que a bíblia nos relata, nomeadamente, o Novo Testamento”, declarou.

“E, portanto, todos os anos ela acrescentava novos bonecos, novas cenas, e todos os anos abria a sua casa. Desmanchava o quarto na entrada com a ajuda do marido, onde montava o presépio com musgo, pedras e todas aquelas cenas bíblicas que tinha feito. Gente de toda a ilha corria para ir ver o presépio de pano da senhora Estrela. Posteriormente, o marido morreu, ela ficou muito debilitada e levou um ou dois anos sem montar o presépio”, disse o presidente José Jorge.

Foi então que a Instituição Casa do Povo do Pico da Pedra decidiu adquirir o presépio para continuar a ser exibido na freguesia: “Um dia perguntamos-lhe se aquilo era uma medida para sempre ou se era ainda aquele período de luto que as pessoas antigas faziam, e ela disse que seria para sempre, pois o marido era o seu principal ajudante a fazer toda a estrutura. O seu suporte importante era o seu marido e os seus filhos não estavam sensibilizados, nem tinham paciência para todos os anos desmanchar o quarto e fazer o presépio. Depois, com medo que este presépio desaparecesse, a Instituição Casa do Povo do Pico da Pedra foi ter com a senhora e propôs-lhe a aquisição do presépio. Ela disse que isso ia de encontro com o seu desejo, porque teria muita pena se o presépio desaparecesse quando morresse e ficava com a garantia de que o seu traba-



lho não tinha sido em vão e que as novas gerações teriam conhecimento daquilo que fez”, explicou.

Após a aquisição do presépio pela Instituição Casa do Povo do Pico da Pedra, o mesmo foi entregue à Junta de Freguesia do Pico da Pedra: “Ele esteve alguns anos entregue à Junta de Freguesia e no ano passado a Casa do Povo resolveu retomar este espólio que era seu e que estava só cedido temporariamente à Junta de Freguesia. Começamos a montá-lo aqui nas instalações, graças também a um rapaz chamado João Manuel Pontes Mota, que é sócio da Instituição e que tem muita habilidade, é um artista. Em regime de voluntariado, ele montou no ano passado o presépio e este ano montou-o outra vez com a ajuda da professora Lubélia Borges. Os dois montam o presépio tentando imitar aquele presépio primitivo que se abriu ao público todos estes anos na Avenida da Paz, na residência da senhora Estrelinha, que era como ela era conhecida na freguesia”, relatou.

José Maria Cardoso Jorge referiu que o presépio conta com mais de 160 bonecos e que algumas das figuras principais do presépio inicial, que começou no Pinhal da Paz, já têm mais de 50 anos, pois “ia lá muita vez em criança ao Pinhal da Paz e lembro-me de ver este presépio só com

as principais figuras quando tinha 14 – 15 anos. É muito antigo”, exclamou.

De ano para ano, o presépio exposto no Pico da Pedra vai variando, seja na disposição “dos bonecos, dos principais eventos bíblicos, ou do esqueleto propriamente dito. Acrescentamos este ano também mais umas casas a imitar as casas judaicas, portanto, de Jerusalém. Há sempre um pormenor que se acrescenta todos os anos”.

O presidente afirmou que o presépio recebe muitas visitas e que, inclusive, durante o ano passado vários grupos de outras instituições foram lá visitá-lo. No entanto, José Maria Cardoso Jorge lamenta que não tenha havido ainda hipótese de abrir todos os fins-de-semana. Entretanto, poderá visitar o presépio na Casa do Povo do Pico da Pedra, no seu horário normal de funcionamento, de Segunda a Sexta das 9h às 12h30 e das 13h às 17h30.

Por fim, José Maria Cardoso Jorge expressou que o presépio é tão especial por “ser todo feito manualmente em panos, coisa que hoje raramente se vê, e ter muitas passagens bíblicas. Toda a dinâmica à volta deste presépio é um chamariz. Venham ver o presépio que não se vão arrender”, finalizou.

*jornal@diariosacores.pt



Irmã Clarissa Maria do Rosário: “O menino Jesus é o essencial do Presépio”

O sítio Igreja Açores publicou uma reportagem com a Irmã Rosário, uma clarissa há 45 anos, sendo a mais nova de uma comunidade de seis religiosas, que vivem nas Calhetas, ouvidoria da Ribeira Grande, o único mosteiro de clausura na diocese de Angra, e que publicamos na íntegra.

As seis irmãs Clarissas, do Mosteiro de Nossa Senhora das Mercês, nas Calhetas, começam a viver mais intensamente a festa do Natal com o início da Novena do Menino Jesus. Todos os dias até ao dia 24 de Dezembro, rezam de manhã, bem cedo, preparando-se para a chegada do Menino, no dia 24, quando celebram a “Calenda”, um “anúncio de que o Salvador nasceu e veio para todos”.

“É um momento muito lindo. Estamos todas na Capela, a irmã sacristã retira o Menino da grade e cantamos em Latim que Jesus nasceu”, afirmou ao sítio Igreja Açores a irmã Maria do Rosário, 63 anos de idade, há 45 anos Clarissa neste Mosteiro de clausura.

“O período do Natal é de muito silêncio, de preparação para esta chegada. Rezamos e fazemos silêncio porque nos queremos preparar bem” adianta a religiosa nascida e criada nas Calhetas de Rabo de Peixe, onde se situa o Mosteiro, e que um dia queria ser professora ou então enfermeira, “era o desejo dos meus pais”.

Além da novena do Menino Jesus, há ainda o “Agasalho”, uma celebração comunitária no dia 23 de Dezembro onde todas as irmãs participam reconstruindo essa viagem de Maria e José em busca de lugar para ficarem.

“A madre leva a imagem de Nossa Senhora, outra irmã, a de São José e vamos batendo a todas as portas que nunca se abrem, até chegarmos ao coro. Fazemos diálogos em verso entre nós, recriando e lembrando o que Maria e José passaram sem que alguém lhes desse um lugar para ficar. Até que chegamos ao coro e aí a porta abre-se e nós rejubilamos”, disse a religiosa.

A novena do Menino Jesus; o “Agasalho” e a “Calenda” são, assim os três momentos de preparação do Natal. Na noite, a Capela de Nossa Senhora das Mercês abre as portas para acolher todos os que participam na eucaristia que assinala o nascimento de Jesus.

“Vem muita gente e a Igreja fica cheiíssima” diz a irmã Maria do Rosário.

“É nesta altura que temos mais gente aqui no mosteiro” refere ainda.

“Vem gente de Rabo de Peixe, das Calhetas, de Ponta Delgada... famílias inteiras e depois da missa é uma festa”.

É um dos momentos em que estas religiosas têm mais contacto com o mundo. O outro é por ocasião da festa da sua fundadora.

“Quando fazemos o noviciado e professamos os primeiros votos, recebemos o véu negro que significa a nossa morte para o mundo, e a entrega a Deus, que se confirma nos votos perpétuos, três anos depois, em que recebemos o anel” explica a irmã Maria do Rosário, que lamenta a falta de entusiasmo dos jovens de hoje por



A irmã Maria do Rosário (à esquerda) e a abadessa do Mosteiro, madre Verónica

“ouvirem o que Deus quer para eles”.

“Acho que é o principal problema que determina tanta falta de vocações para a Igreja. Estamos muito focados na nossa opinião e não ouvimos o que Deus quer para nós” lamenta, ao lembrar uma visita que as Irmãs Clarissas receberam de um grupo de jovens do 12º ano.

“Falei da minha vocação e depois perguntei-lhes porque é que não queriam fazer esta experiência. A resposta diz tudo lá fora temos tudo o que queremos. Fiquei assim... de facto é bom ter um carro, uma casa, uma família mas será isso que nos faz felizes? Deus é amor e quer o nosso bem; e nem sempre o que Ele quer para nós é o mesmo que nós queremos. Se calhar é por isso que há tantos problemas...”, reflecte a religiosa.

E prossegue: “A pergunta fundamental que devemos fazer na juventude é o que é que Deus quer de nós? Porque hoje temos tudo o que queremos; o mundo dá-nos o que queremos, mas será suficiente? Julgo que não. Deus quer sempre o melhor e nem sempre o melhor é aquilo que nós queremos... a Palavra de Deus, a Sua manifestação é muito importante. Às vezes temos de ultrapassar barreiras, mesmo dentro da nossa família. E a minha não foi diferente... Porque temos dificuldade em deixar a família. O que ressoava em mim era: procura em primeiro lugar o reino de Deus e o resto te será dado e quando deixamos que Ele nos ajude a discernir é tudo mais fácil”.

Neste ano, em que se assinalam os 800 anos do primeiro presépio, pensado por São Francisco de Assis, contemporâneo de Santa Clara, fundadora das Irmãs Clarissas e a primeira mulher a escrever uma Regra sobre o “privilégio da pobreza” e do ardente desejo de “ob-servar o Evangelho”, o presépio também volta a ganhar uma importância maior no Mosteiro.

“Não há lugar onde não façamos o presépio” diz a Ir. Maria do Rosário. “Até na despensa”, adianta, destacando que é nas celas de cada uma das irmãs que se fazem os presépios mais aguardados do Natal.

“Cada uma faz o seu e só o vemos no dia de Natal quando visitamos todas as irmãs e depois elegemos (à maneira do mundo... sorri) o melhor... É muito bonito este Dia de Natal” conclui.

“O Menino Jesus é o mais importante e nenhum é igual ao outro. Ele como que fala à gente. Este ano o Menino diz-me abraça-me... Há muitos problemas, as pessoas precisam de ajuda sobretudo que as escutem. Precisamos de silêncio e oração para ouvir os outros, tendo presente sobretudo as crianças e os pais as famílias dos países que estão em guerra” diz ainda, enquanto a conversa vai fluindo e a preocupação é brindar a convidada com alguma coisa.

“Vou buscar umas broas de mel, feitas segundo uma receita das irmãs da Madeira. São muito boas; é o que oferecemos aos nossos benfeitores e amigos nesta altura. É uma grande empreitada pois fazemos muitas forradas” diz contente e orgulhosa da partilha.

“Nós repartimos com quem precisa o que nos dão, mas estas broas são especiais. Sabem a mel de cana”.

O Mosteiro das Clarissas é um dos 10 que pertence à federação nacional; todos têm autonomia mas regem-se pelas mesmas constituições. É raro haver mobilidade entre mosteiros mas todas “nos conhecemos pois as novas tecnologias permitem que nos encontremos por zoom”.

“Final a vida no Mosteiro não é assim tão monótona, pois não? Fico com pena de que pensem o contrário” refere ainda a religiosa que possui uma alegria e uma genica invejáveis, quebrada apenas quando fala da “irmã Teresinha, uma mãe para mim”. Faleceu em Novembro.

Nesta reportagem, o Sítio Igreja Açores gravou um “postal” de boas festas do Convento para todos os Açorianos. A autora é a Irmã Verónica, a madre abadessa deste mosteiro.





João Bosco Mota Amaral

Guerra atroz na terra de Jesus

As imagens que diariamente nos chegam pela televisão, relativas ao conflito em curso no Médio Oriente, são verdadeiramente chocantes. Na terra por onde andou Jesus, há por estes dias guerra, destruição, morte, luto, fome e sede, ódio à solta, como pensávamos já ser impossível existir.

É especialmente comovedor o olhar atónito das crianças perante o triste e desolador espectáculo que lhes é proporcionado. Isto, claro, para as que sobrevivem aos cruéis bombardeamentos, porque são muito numerosas as que morrem soterradas entre os escombros dos edifícios derrubados e para essas já se acabaram todos os sofrimentos e também as esperanças que qualquer vida sempre alberga.

Gaza é um estreito corredor entre Israel e o Egipto e por ele terá certamente passado Jesus infante, levado nos braços de sua Mãe, quando tiveram de fugir da perseguição de Herodes. Tudo isso vem narrado no Evangelho de São Mateus, logo a seguir ao episódio da adoração dos Reis Magos, vindos do Oriente, guiados por um singular fenómeno astronómico.

Pois bem, o episódio evangélico tem um fim feliz, porque, morto o rei, a Sagrada Família regressa do exílio e instala-se em Nazaré, onde Jesus vem a ter uma infância normal, crescendo entre os seus e as famílias da localidade, sem grandes surpresas pelo meio.

Mas as pobres crianças de Gaza, tal como os seus pais e demais parentes, parece que não têm futuro. Muitas serão já órfãs de pai ou mãe ou até de ambos, porventura vítimas inocentes desta vingança de todo desrazoável. Porque é muito difícil não reconhecer que os limites do fundamento da legitimidade da operação militar em causa foram há muito totalmente ultrapassados.

Os apelos para um cessar fogo, ao menos humanitário, têm caído em orelhas moucas. E assim não vai haver este ano Natal, nem em Gaza, nem na Cisjordânia, nem em qualquer outra parte sob a Autoridade Nacional Palestiniana, tal é a sanha com que os fundamentalistas fazem coro com os militares e vão colaborando na chacina em curso. E ao contrário do que pode parecer, nem todos os árabes são muçulmanos, pois entre eles há também cristãos, injustamente agora privados da alegria da celebração anual do nascimento de Jesus, Deus feito homem para nos garantir salvação eterna.

Ao menos nas nossas paragens atlânticas dos Açores tal não vai acontecer. Feliz Natal e Bom Ano Novo para todos!

** Por convicção pessoal, o Autor não respeita o assim chamado Acordo Ortográfico)*

PUB.

UM FELIZ NATAL E UM PRÓSPERO ANO NOVO



Rubens Pavão

De relance

Recordações de Natal

“Os anos foram passando - decerto com os naturais altos e baixos - mas sempre em espírito de Natal - felizmente acrescentado com uma nova geração, que hoje se estende aos netos, já a sua família a despontar... Contudo, como na vida há sempre um «mas»... a noite da Consoada passou a ter uma cadeira vazia, a da matriarca ... o coração continua a apertar em saudade!”

1. Ainda hoje - são passados 91 anos - o «meu» Natal continua a ter a mesma expressão de alegria e de paz como os meus pais me ensinaram e às minhas irmãs: JESUS NASCEU - ALELUIA!

A mensagem que irradiava do Presépio era encantadora; e, quando o «armava», sentia-me cooperante e até inventivo, ajudando meu pai a construir montes, lagos e caminhos que levavam os bonecos de barro, muito toscos, para a gruta de Belém.

Uns, até tinham nome, a sua «estória» bíblica; outros, encenavam os nossos usos e costumes, numa lengalenga que repetíamos de ano para ano, no mesmo sentimento poético expresso pela colega do Magistério Adriana Bessone:

*Ó meus bonecos de barro
Como eu vos queria bem...
Espalhados com cuidado
Pelas ruas de Belém!*

*Uns grandes, outros pequenos
Sem jeito ou de barro fino.
Todos tinham seu lugar
No presépio pequenino.*

Os anos foram passando - decerto com os naturais altos e baixos - mas sempre em espírito de Natal - felizmente acrescentado com uma nova geração, que hoje se estende aos netos, já a sua família a despontar...

Contudo, como na vida há sempre um «mas»... a noite da Consoada passou a ter uma cadeira vazia, a da matriarca ... o coração continua a apertar em saudade!

Com essa falta, posiciono-me na Bíblia: «a velhice goza de prestígio e é circundada de veneração».

Assim, continuo a ver passar... até quantos anos mais?

2. Em Outubro passado completei 70 anos que iniciei a docência no Ensino Primário e preparei, com os meus colegas da escola de Santa Clara, a primeira comemoração do Natal: ensaiei o coro e fiz o discurso da praxe, por ser o mais novo.

Havia alunos que já sabiam «armar» o presépio com musgos, a doiradinha», outras verduras apanhadas ao acaso na Mata da Doca - o seu paraíso de recreio - e, cada um emprestava um dos bonecos de barro que tinha de sobra por sua casa.

Para completar a festa, distribuía sonetos alusivos para serem recitados, da autoria dos poetas Oliveira San-Bento, Armando Cortes Rodrigues, Espínola de Mendonça e Vasconcelos César.

Também era uma festa em solidariedade, porque havia guloseimas de rebuçados, figos passados e alfarrobas que o Armazém Domingos Machado oferecia; e ainda distribuição de roupas, adquiridas através de donativos recolhidos em algumas casas de famílias ali residentes.

Foi também neste Natal -1953, que passei a ser «independente», porquanto tive o meu primeiro ordenado - 1.200\$00 mensais- com pagamento a cargo da Junta Geral, por via de ser um distrito autónomo, recebido na respectiva tesouraria, pessoalmente, por obrigação legal.

Por questões orçamentais recebíamos os dois meses em atraso, uma «fortuna» (!), que tinha de ser muito bem gerida...

A cidade, era considerada como «muito» movimentada: os carros circulavam nos dois sentidos, em quase todas as ruas da baixa e circundantes, mas havia respeito com os transeuntes.

A montra da Merceria «Pereira & Pereira» enchia-se de chocolates «Regina»; o chique «Café Pepe», apresentava os melhores doces da confeitaria regional; os sinos da ermida de Santa Luzia transmitiam um som festivo muito especial; e o aroma a café puro moído na mercearia Domingos Dias Machado, completava o cheiro a Natal, no Largo da Matriz.

Nas ruas que levavam ao «centro» da Matriz a agência de publicidade «Spall» propagava música através de altifalantes, à mistura com anúncios comerciais.

As colegas do Liceu, quase sempre em grupo, subiam e desciam as ruas, sem qualquer decoração, observavam as montras, com alegria e boa disposição; e o «canto» do Clube era o ponto de mira para as ver passar ou marcar um encontro, fugidio...

Era assim a minha «cidade», com o seu tom natalício, tão diferente de agora ... mas recordo-a, muito saudosamente!

3. Nesse ano também participei, com colegas da Escola do Magistério, no 2º Natal do Gaiato do Gaiato organizado pela «Obra da Rua do Padre Américo», recém-chegada a S. Miguel, instalada na então Quinta de S. Gonçalo - para o tempo o fim da cidade - sendo director o jovem padre Elias Resende André, natural do Faial da Terra.

A cidade era chamada a participar no espectáculo músico /literário que ali se realizava para cerimónia da «quebra» dos mealheiros distribuídos pelo comércio da cidade para obter donativos que ajudassem a manter aquela Instituição, «de rapazes, para rapazes»!

A Adriana Bessone - uma poetisa de nome firmado desde os tempos do Liceu - teve a sua primeira apresentação pública, recitando quadras que compôs para aquele serão, que intitulou de «Vamos Armar o Presépio»; e, como já me considerava um colaborador da Redacção, levei-as em mão ao Dr. Carlos Carreiro, director do jornal, para as publicar edição do Natal, mas sem dizer o autor ... mas, ao lê-las, disse-me julgar ser de Armando Cortes Rodrigues!

Também, como inédito e no ano seguinte, compôs os «Bonecos de Barro», que o «Diário» voltou a publicar.

Ocupei-me dessa reportagem e de muitas outras que estão arquivadas na colecção do jornal, ao sabor dos tempos e dos acontecimentos locais e regionais.

A todos, os meus votos dum Santo Natal!



PUB.

*O Conselho de Administração
e Restantes Corpos Sociais
da Associação Agrícola de São Miguel
e da Cooperativa União Agrícola, C.R.L.
desejam aos seus Associados,
Agricultores e Açorianos em geral*

*um **SANTO NATAL** e um **PRÓSPERO ANO NOVO***



Associação Agrícola de São Miguel
Cooperativa União Agrícola, C.R.L.

**Duas Instituições
ao Serviço da Lavoura**



PUB.

**SABORES DOS
AÇORES NO NATAL,
O PRESENTE IDEAL!**



@LACTACORES | WWW.LACTACORES.PT



PUB.

2024

FELIZ ANO NOVO

PROGRAMA PASSAGEM DE ANO

21H30 | Espetáculo
Banda Cisco Bottle

22H40 | Concerto
DAVID CARREIRA

00H00
**ESPETÁCULO
PIROMUSICAL**

00H15 | Live Act
DJ Helder Cunha



DAVID CARREIRA



José Gabriel Ávila*

Conto

Carta ao Menino Jesus

“De repente, ressoa pela encosta da vila o estrondo de um forte trovão seguido do clarão de um relâmpago. As crianças gritam, abraçam-se para contrariar o medo, outras choram e fogem para dentro do edifício. Fez-se um tenebroso silêncio, à espera de mais trovoadas características na época invernal.”

Os dias corriam velozes. Aproximava-se a Festa e a rapaziada abrigada da chuva no telheiro da escola, não falava de outra coisa.

“Que te vai trazer o Menino Jesus?”, perguntou o João ao António da Canada.

“Eu sei lá!...”, respondeu o rapaz, com ar desimportado. “Na nossa casa não se usa presentes. O meu pai ainda não recebeu a soldada da baleia. É sopa de couve todos os dias, com um torinho de língua perdida no caldo para dar gosto a carne. Todos provam e é o que comemos.”

António tinha cerca de doze anos. Repetente, anos a fio, já devia ter feito o segundo exame, da quarta-idade, mas as labutas do campo atrás das vacas, tirando leite mal raiava o dia, lavrando e semeando, fez com que se atrasasse nos estudos.

Tinha ar de homem feito, já com barba e calças de cotim compridas. Os colegas consideravam-no um veterano, mas ele pouco se importava. O seu sonho, adiado de ano para ano, era passar no exame e embarcar para longe.

“Se os outros saíram daqui e foram p’rá América, por que não hei-de fazer o mesmo? De barco, de avião, um dia também hei-de lá chegar e fugir a esta miséria...”, pensava o miúdo, sozinho num canto, ao fundo do recreio, enquanto os mais pequenos davam largas às suas alegrias, numa algazarra estridente.

Ao longe, a Montanha do Pico escondia-se sob um negrume, anunciando borrasca, como anteviram na véspera os baleeiros mais velhos, sentados em acesa discussão no muro da Casa dos Botes.

De quando em vez caía uma chuva grossa que encharcava o pátio onde as crianças corriam e brincavam. Com roupas molhadas e pés descalços, negros do frio, não havia como aquecer tanta penúria gerada pela força da pobreza.

De repente, ressoa pela encosta da vila o estrondo de um forte trovão seguido do clarão de um relâmpago. As crianças gritam, abraçam-se para contrariar o medo, outras choram e fogem para dentro do edifício. Fez-se um tenebroso silêncio, à espera de mais trovoadas características na época invernal.

Do interior da sala, a professora, preocupada com a segurança das crianças, grita com voz forte: “Meninos, todos p’ra dentro. Sentados e calados!”

Encostadas umas às outras em carteiras de dois lugares, as crianças tremiam de medo e de frio, à espera que um novo trovão se abatesse sobre o velho edifício.

Aos poucos, porém, o temporal foi-se afastando, levando consigo os relâmpagos. O céu negro começou a clarear do mar para a terra, indicando que o pior tinha passado.

António da Canada, sozinho numa carteira ao fundo da sala, já viera dias piores de mau tempo. Mesmo assim, pensava como estariam a Lavrada e a Malhada, que ainda escuro tinha ordenhado na Terra de Baixo e que, mal saísse da escola, teria de ir recolhê-las na atafona para não passarem a noite à chuva e ao frio...

“É a professora diz que eu não estudo, nem faço nada...”, comentou para consigo.

Estava nestes pensamentos, quando em pé sobre o estrado ouve a voz timbrada e ameaçadora da mestra D. Maria Francisca:

“Meninos! da parte da tarde e até saírem, vão fazer uma redação sobre as prendas do Menino Jesus. Escrevem o que quiserem. Mas, atenção! Sem erros ortográficos. Por cada erro, levam cinco reguadas e terão de escrever a palavra 20 vezes. Perceberam?” Ninguém respondeu.

António, ouviu o recado e pensou de imediato: “Aos anos que ando a roçar o rabo por estas carteiras, a ouvir sempre as mesmas coisas, ao

menos uma vez, vou ter a oportunidade de escrever o que penso, mesmo com muitos erros. Mas quem os não tem? As reguadas que a professora me dará nestas mãos caledadas vão doer menos que o gelo da manhã, ao ordenhar as minhas vaquinhas. Por isso, vamos a isto.”

Tirou o caderno e o lápis da sacola de serapilheira e lançou-se ao trabalho, ciente de que o Menino Jesus lhe havia de perdoar a ousadia e os erros ortográficos.

“Meu Menino Jesus

Sabes melhor que ninguém que continuo aqui na escola só para tirar o diploma da 4ª classe. As canetas que me acompanham no dia-a-dia, a enxada e o alvião, é que ajudam a matar a fome à minha família, mas mesmo assim não chega.

Meu pai é baleeiro. Levanta-se cedo e vai para as terras. Mal rebenta o foguete, larga tudo e vem numa correria por essas canadas abaixo para a casa dos botes. Ele é só remador, a soldada é pequena, mas vem muito atrasada, porque os compradores do óleo da baleia – uns homens do Cais – dizem que os alemães pagam mal. Não sei se é verdade, Tu sabes melhor que ninguém.

Que vai ser de nós, Menino Jesus?

Ainda p’ra mais agora que os rapazes vão para a guerra nas áfrias...

Quem me dera partir já. Meu pai várias vezes escreveu a meu tio Manel para que lhe fizesse carta de chamada, mas até agora...

Já pensei ir ao Faial pedir a um aventureiro que me levasse, como fizeram antigamente muitos rapazes, quando as baleeiras americanas andavam por aqui. Mas é muito arriscado. Mal sei escrever, quanto mais falar outra língua.

Menino Jesus

Este Natal o melhor presente que podia receber era ter a sorte de poder embarcar para a América. Ia ter saudades das vacas, a nossa Lavrada é uma riqueza e a Malhada também pois, sem o leite e os queijinhos que a mãe faz e vende para fora, não sei como seria.

Tenho que terminar, não quero ser o último, nem dar nas vistas.

Obrigado por me teres escutado e não te esqueças da gente.

António Pereira da Canada de cima.”

O rapaz olhou para o texto e sentiu-se satisfeito por ter tido coragem para dizer o que lhe ia na alma.

“Será que o Menino Jesus vai fazer caso do que escrevi?”, pensou António, atafalhando na mala livros, canetas e cadernos. “Há-de ser o que Deus quiser”.

O dia começava a escurecer e o gado chamava por ele para a muda da tarde. Num pulo chegou a casa e, enquanto devorava um pedaço de bolo e um naco de queijo curado, a mãe mostrou-lhe uma carta acabada de chegar no “Lima”. “É da América, do Tio Manuel que vive em Betefet, mas parece ser inglês. Ainda esta noite vou a casa da sra Olga para traduzi-la. Oxalá sejam boas notícias, Deus Nosso Senhor nos proteja!”.

António, sem manifestar o seu contentamento, pensou consigo: “Afim! O Menino Jesus leu a minha carta. Deve ser o presente há tanto tempo esperado. Aguardemos.”, balbuciou o rapaz, subindo a Canada. Corria uma aragem do norte e os dentes tiritavam de frio.

No horizonte, um pacote branco navegava com destino à América.

*Jornalista c.p.239 A

<http://escritemdia.blogspot.com>



PUB.



GRUPO DE CANTARES TRADICIONAIS DE SANTA CRUZ

CONCERTO COMEMORATIVO
27.º Aniversário

29 dezembro 21h00
Convento de Santo António
Santa Cruz




6ª SÃO SILVESTRE DE LAGOA

CRÉDITO AGRÍCOLA AÇORES
29 DEZ. 2023

EMBAIXADORES:
JOÃO VIEIRA E VERA SANTOS

São Silvestre Baby Race: 19H00
> Menos de 5 anos

São Silvestre Kids: 19H30
> Benjamins + Infantis (até aos 12 anos) + Desporto adaptado

6ª SÃO SILVESTRE DE LAGOA: 20H00
Caminhada e Marcha de inclusão social

INSCRIÇÕES

ss.lagoa0947@gmail.com

ORGANIZAÇÃO:  PATROCINADORES:   PARCEIROS: 



CONCERTO DE ANO NOVO

ORFEÃO
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

6 janeiro 21h00
Convento de Santo António
Santa Cruz



PUB.

LOGÍSTICA E SERVIÇOS DE TRANSITÁRIO

WE ARE LOGISTICS

Centro Logístico nos Açores



LOGISLINK

O SEU PARCEIRO LOGÍSTICO NOS AÇORES
www.logislink.pt

powered by: 





Patrícia Carreiro*

Viver para esperar!

“Para mim, O Natal é isso mesmo: esperar por um momento de alegria infinita nos olhos da minha filha quando fazemos a árvore e enfeitamos o resto da casa; fazer bolachinhas de Natal e esperar que o forno avise que já estão prontas; preparar o bolo de Natal e esperar para o dia de o cortar. Esperar é a nossa maior virtude, é para isso que somos concebidos.

Esperamos para nascer e esperamos para morrer.”

“Depois há danças de roda, as crianças dão as mãos, No Natal todos se sentem Irmãos.(...) Se isto fosse verdade, para todos os meninos, era bom ouvir os sinos cantar!”

Coro de Santo Amaro de Oeiras

Há poucos dias, disse-me um cliente que eu não tivesse pressa em atendê-lo, que ele vivia para esperar. E eu a pensar: quem me dera ter este tempo todo para esperar. Quanta inocência ou ignorância minha, a espera é o que está mais garantido, se virmos bem!

Ora pensemos: esperamos todo o ano por alguma coisa, por alguém, por alguma festa, mas esperamos. Vivemos a esperar e para esperar!

Durante o dia, esperamos que chegue o final do dia. De noite, esperamos que venha a manhã, durante a semana esperamos que venha o fim-de-semana, e no fim-de-semana esperamos pela segunda-feira. A espera é algo muito presente em nós, é o que nos alenta e nos dá a tão ansiada esperança por um dia ou por uma vida melhor.

“Amanhã vai ser melhor”, “Isso é uma fase, vais ver”, dizemos nós em temos difíceis!

Nesta altura do ano, vivemos para esperar o dia do Natal. Uns mais preocupados com presentes, outros com a noite de Natal, outros ainda com alguém que não vai ter no seu aconchego na noite mais importante do ano.

Mas há muitos que não sabem o que hão de esperar; se uma noite de Natal com frio na rua ou com a barriga vazia, se o desmoronamento da sua casa ou uma sequela mais intensa de uma qualquer guerra que se vive por este mundo fora, e já são tantas!

Quando eu era criança, esperava para ouvir na manhã de Natal o Coro de Santo Amaro de Oeiras a tocar no nosso rádio que o meu pai, frequentemente, ligava bem cedo. Acordar com músicas de Natal é bom, e é o que faço hoje em dia com a minha filha, embora me doa mais ano após ano saber que muitas crianças não têm metade do que os nossos filhos têm. E era tão bom que isso deixasse de ser verdade, porque só assim seria bom ouvir os sinos cantar!

Maria esperou. Esperou pelo seu filho como muitos de nós já esperamos também e continuaremos sempre a esperar, porque para os nossos há sempre tempo de espera, mesmo que pensemos que não.

Há na espera algo bonito, imponente e desesperante também. Quando uma mãe fica “de esperanças”, prepara o quarto do bebé, todas as roupas, a casa e a família para o receber, mas o seu coração, este, já está preparado há muito tempo. A sua espera tem mais que ver com a alegria de partilhar o colo com aquele ser inocente, bonito, puro e não tanto com a forma como o vai receber.

Para mim, O Natal é isso mesmo: esperar por um momento de alegria infinita nos olhos da minha filha quando fazemos a árvore e enfeitamos o resto da casa; fazer bolachinhas de Natal e esperar que o forno avise que já estão prontas; preparar o bolo de Natal e esperar para o dia de o cortar.

Esperar é a nossa maior virtude, é para isso que somos concebidos. Esperamos para nascer e esperamos para morrer.

Esperando, conseguimos ver o que está à nossa volta, dando valor ao bom e ao mau, com a devida calma, com o devido silêncio. É por isso que quem não espera, quem nunca tem tempo, não tem nada, não sente, não se percebe, nem a si nem aos outros.

Na espera descobrimos quem somos, como evoluímos, como podemos ser mais Natal para nós próprios e depois, só depois, para os outros.

Eu espero Jesus todos os anos, todo o ano, e encontro-O com muita frequência, porque agora já sei esperar para escutá-LO, agora já sei olhar em frente e vê-lo numa nuvem mais escura ou num pingo de chuva mais grossa.

O Natal é Jesus e com ele toda a espera de uma vida se torna mais tolerável, mais feliz e completa. Por isso, sejamos como Maria e saibamos esperar o nosso melhor que está por vir e por celebrar.

Feliz Natal a todos e um 2024 repleto de boas energias para todos os desafios que, certamente, nos baterão à porta!

frequência, porque agora já sei esperar para escutá-LO, agora já sei olhar em frente e vê-lo numa nuvem mais escura ou num pingo de chuva mais grossa.

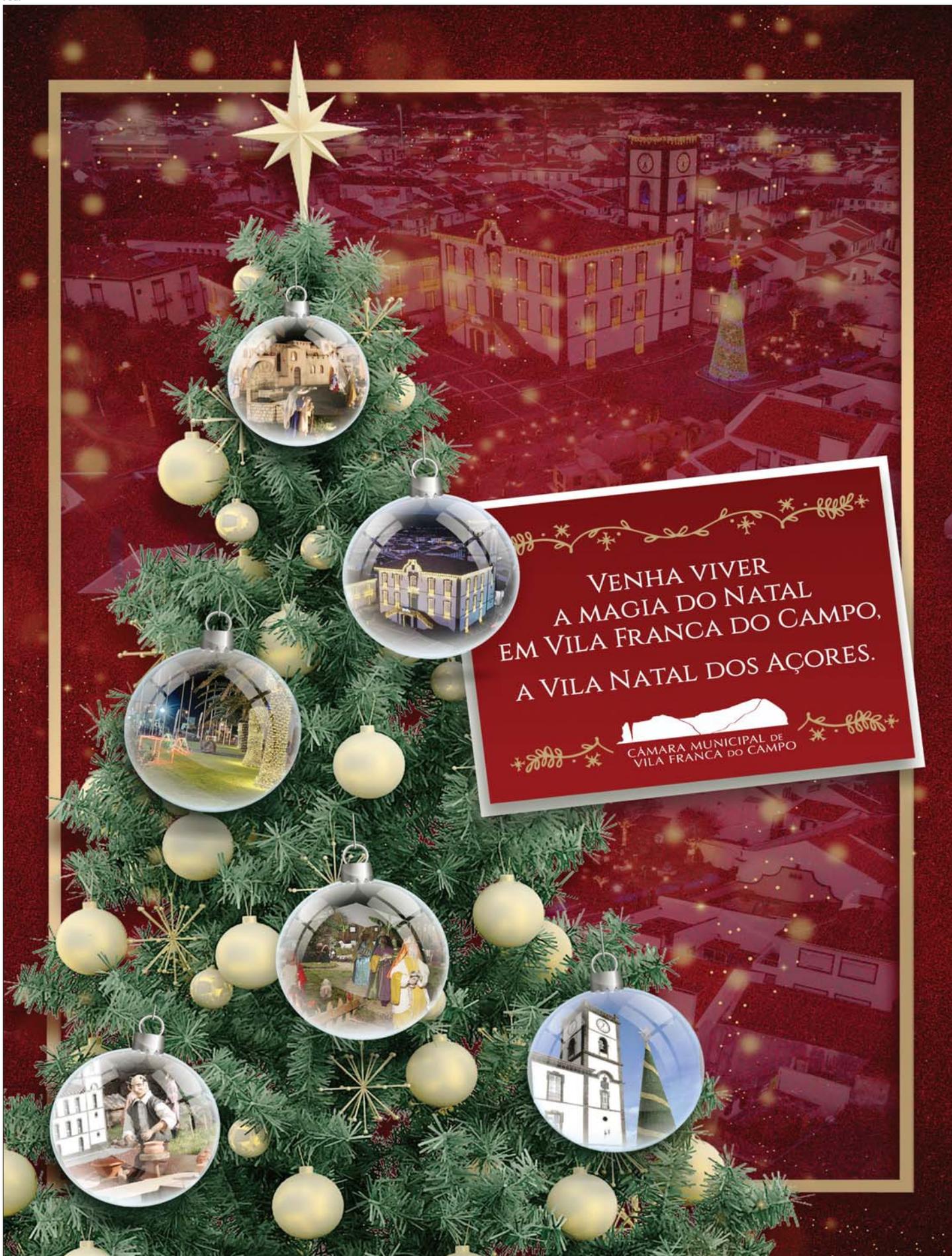
O Natal é Jesus e com ele toda a espera de uma vida se torna mais tolerável, mais feliz e completa. Por isso, sejamos como Maria e saibamos esperar o nosso melhor que está por vir e por celebrar.

Feliz Natal a todos e um 2024 repleto de boas energias para todos os desafios que, certamente, nos baterão à porta!





PUB.



VENHA VIVER
A MAGIA DO NATAL
EM VILA FRANCA DO CAMPO,
A VILA NATAL DOS AÇORES.



CÂMARA MUNICIPAL DE
VILA FRANCA DO CAMPO



Lúcia Simas

Jornal sinos e milagres do Deus Menino!

“As canções, poesias ou contos mostram esse mundo do Bem e da alegria que a Humanidade sonha. São imaginários que rompem evidências da racionalidade e levam a aceitar o Mistério. Afinal, a insegurança e a ignorância estão no fim de todos os caminhos.”

Bate o sino pequenino/sino de Belém/ Vai nascer o Deus Menino/Para o nosso Bem

A singeleza destes versos populares acordano coraçãode cada infância, os sentimentos mais puros da Fé para além de todas as aparências. Só coração entende e se emociona com os cânticostão inocentes e ingénuos. O Solstício é a prova que, do mais fundo da escuridão, no fundo da Terra, é que renasce a Natureza e a Vida brota, como um Milagre invisível e só intuído por uma Aparição para além das ciências.

A Fama, o Poder ou a Riqueza que procuramos no mundo são ambições e desafios que resultam em alienações. A Fama traz ilusões tão incertas, o Poder a corrupção e a Riqueza nunca satisfaz. O homem é um ser inquieto. Pertence ao Mundo, mas não é deste Mundo. O filósofo Kant afirmou que a realidade não é o que parece e com toda a ciência e progresso sabemos que o nosso conhecimento fica pelas aparências, (fenómenos) e o objecto (em si mesmo) fica sempre além das nossas possibilidades de conhecer. A ciência hoje é relativista, sabemos que não atinge a verdade. O astrónomo Carlo Rovelli fala-nos da *natureza alucinante do Universo (2021)* porque a nossa consciência só alcança linguagens inseguras, certezas só decada época, dúvidas e mais descobertas do infinito desconhecimento. Sabermos cada vez mais e descobrimos que somos cada vez mais ignorantes face ao grandioso Milagre do Cosmos. Cada descoberta aumenta a percepção da nossa ignorância.



O coração tem sinos que a razão não entende.

Os adivinhos, os profetas, os filósofos e cientistas anunciaram paradoxalmente o mesmo que hoje se conhece em linguagens mais sofisticadas, algoritmos, fórmulas e tecnológicas que conseguem um conhecimento mais profundo, mas que denuncia quanto não sabemos. As construções da linguagem são o que de mais profundo alcançamos mas não respondem aos anseios e aspirações verdadeiramente humanas. O progresso engana-nos porque, no seio de tanta mudança, o ser humano permanece o mesmo, com todos os seus ódios, agressividade, alegrias, ilusões e frágeis felicidades. O Mundo tudo pode prometer mas não dá. Vivemos de frases feitas, de constantes mudanças e a linguagem não rompe com o sistema, as ideologias que cancelam o pensamento “educado” desde a tenra infância. Submetidos à ideologia tornamo-nos escravos que até pensam ser livres.

Percebemos melhor como o nosso tempo é cada vez mais incerto, vacilante, a guerra existe ao longe ou entre nós, como a pobreza e a escravidão. Por todo lado exibem-se mundos magníficos, esplendorosos e outros terríficos e trágicos enquanto o Sistema quer impor a ilusão de alcançarmos a felicidade.

Peguemos na saudade dos natais distantes, feitos com farrapos do ima-

ginário, recusemos os pensamentos automatizados, entremos no mundo através das velhas canções, dos contos de Natal, dos poemas guiados pela evidência do coração mais profunda do que todo o racionalismo.

Quando a velha Inglaterra florescia, no seu áureo império, meditemos num conto de Natal de Charles Dickens. A ternura e carinho pelos infelizestrazem, nos seus escritos sobre o Natal a denúncia de uma sociedade implacável, pela filosofia do *utilitarismo*, com o trabalho infantil e feminino levado ao extremo do horror. A figura do solitário Scrooge que se arrepende de tanto egoísmo representa o sonho do Menino Deus no Milagre de nascer de novo! Scrooge sonha com os fantasmas do seu passado e do seu presente. De repente, acorda! É Natal! **Natal**. Renasceu com o coração cheio de ternura e carinho por tudo o que o rodeia, pelas pobres crianças, os desgraçados e miseráveis. Dickens dá a esta pobreza uma dignidade nova, uma esperança num futuro melhor. É um Milagre que o famoso escritor tenta mostrar. Em **“Os carrilhões de Natal”** traça as políticas do utilitarismo com a frieza da estatística, a separação completa das classes, o extermínio dos que não seguem a lei. Alguns dos seus apelos foram ouvidos, a Inglaterra, ao contrário das *“leis científicas”* do comunismo, não se tornou numa **ditadura dos partidos do Poder**. O O mesmo não acontece pelo mundo fora, onde não há direito nem leis, retirando a dignidade a milhões de seres humanos reduzidos à escravidão diante da cegueira e impotência das frágeis vozes denunciadoras.

Como somos incapazes de romper com as amarras da linguagem que nos obrigam a usar! Como somos cegos para a “Douta Ignorância” de um Nicolau de Cusa que encontrou o Milagre do entendimento entre o finito e infinito e tornou a evidência racional numa intuição do Milagre que é o Universo e a nossa existência. A evidência racional sem dedução ou entendimento, atinge um conhecimento que não há no Mundo. Todo o Cosmos tem um equilíbrio, uma harmonia global que não está ao alcance da razão mas do coração. O risco da animalidade está nas inclinações perversas que o livre arbítrio, essa terrível Liberdade – nos permite. É o outro lado do humano se nos libertarmos da prisão do hábito que tudo repete sem nenhuma certeza. E o Milagre que irrompe em Luz desde que do **“Nada se fez luz...”** e essa luz chega até nós. O Cosmos é mais do que todos os conhecimentos mais profundos. O conhecimento progride mas a mente do homem O mundo mostra milhares de atrativos, cintilantes catedrais de consumo onde os “mortos vivos” se perdem em pensar na mentira das promessas que nos atraem até a morte. Nas promessas do mundo perde-se a consciência racional e cega-se e gela o coração. Ver que afinal somos um constante milagre que nos envolve é tentar derrubar as catedrais do prazer e do Poder. Como podemos cair no **“compra, usa e nos deita fora”** que nos mata?

As canções, poesias ou contos mostram esse mundo do Bem e da alegria que a Humanidade sonha. São imaginários que rompem evidências da racionalidade e levam a aceitar o Mistério. Afinal, a insegurança e a ignorância estão no fim de todos os caminhos. O coração do homem é sempre inquieto. Quer encontrar o sentido da sua existência que não existe nele. “Tudo na Natureza está Bem” Só o homem é um animal sem sentido. A libertação do absurdo só brota da transcendência inquieta do Coração. Viver para o Bem é aprender a tocar os sinos que a sábia Natureza nos quer dizer. Sem palavras a Natureza grita o nome de Deus. Quebrar os muros entre o homem e a Natureza seria ver o Milagre do Cosmos, seria viver o Natalem todos os contos, canções, dádivas e desprendimento que ecoam misteriosamente nos corações mais gelados.

O Natal que a Natureza grita é para o homem a sua realização transcendente que sempre o inquietará!

O nascimento do Deus Menino no Milagre do coração é que revela o mistério que une o Céu à Terra no âmago da autêntica **família no mundo humanizado e transcendente**.



PUB.

DOCE NATAL no Nordeste

31^o Dez
Passagem de Ano

23h00 Isabelly Cotias
23h30 Oferta de bolo-rei e espumante
0h00 Espetáculo de Fogo de Artifício
0h15 DJ Luís Paiva
Praça da República

VENHA SABOREAR O
**MAIOR
BOLO REI
DOS AÇORES!**

nordeste
município



Chrys Chrystello*

Natal desesperançado

Hoje não queria falar da estação (festiva, para muitos crentes) pois - cada vez mais - deixou de ser um momento de reflexão. O Natal converteu-se num apelo ao consumismo desenfreado, à compra de tudo aquilo de que não necessitamos, à falsidade de declarações. Podemos ser uns malfiteiros durante todo o ano mas no natal é suposto sermos bem comportados...

Todos os anos fazemos votos que raramente se cumprem, tal como os acordos entre nações para reduzir a dependência dos combustíveis fósseis ou as alterações climáticas. As guerras surgem mais frequentes que as estações do ano, a violência não cessa de aumentar, as dependências e drogas envolvem mais e mais gente, tal como aumentam os pobres, os sem-abrigo, a falta de respeito e de princípios parece ser a norma universal. A política é um pântano malcheiroso para onde só vão os que nunca fizeram outra coisa e são mal pagos (embora muitos compensem de outros modos durante ou após o seu termo de funções). As crises políticas têm menos impacto que a discussão dos casos de cada jogo de futebol, já ninguém liga e poucos ainda são os que teimam em votar. Cada vez mais há governos eleitos por menos de um quarto da população eleitora...

Para mim, Natal foi tempo de partir, em 1975 para a Austrália e Bali, em 1976 para Macau, em 1983 de vez para a Austrália, e em 1994o regresso a Portugal depois de um natal mineiro típico (muito feijão) em Belo Horizonte. Associo Natal, a tropical ou subtropical (de 1973 a 1995: Timor, Macau, Austrália, Brasil), sempre no hemisfério sul, em praias ou dentro de água. A ideia de natais frios e enregelados ainda hoje não é particularmente atraente, embora nos Açores o clima seja moderado.

O Natal das recordações de infância é diferente dos atuais e nunca mais será mágico. Era a festa dos bolos, doces minhotos e transmontanos (aletria, sopa dourada, filhós, formigos), do excecível polvo acompanhado de arroz e do segundo prato de bacalhau cozido com todos, na noite de consoada, e seus vegetais (dois ou três tipos de couves), batatas cozidas com cenoura, cebola e ovo. Era o tempo dos presentes no sapatinho, um presépio com musgo autêntico (ora proibido, dá direito a multa e tudo), um pinheiro que se ia buscar nem eu sei onde, mas autêntico (ainda não havia movimentos ecologistas) e, pelo menos uma vez, veio de ao pé de Santo Tirso (Negrelos). As velas eram verdadeiras e as bolas da árvore de Natal eram poucas e caras. Era a festa do nascimento do Menino Jesus, Glória a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade. Era também a festa dos pobres pois vivia-se na era da caridadezinha cristã que o Estado Novo incentivava.

Lembro-me dum natal pelos 8 anos (1957). Havia um galinheiro ao fundo do quintal com galinhas, que além de porem ovos, serviam para a alimentação durante o ano, mais um galo e o inevitável peru pelo Natal, sem nunca ter percebido o fim que os animais tinham, intimamente relacionado com o que me punham na mesa. No Natal aparecia o dito peru que tivera a malfadada sorte (?) de estar na engorda antes de ser degolado. Uma vez, um deles andou pela cozinha sem cabeça, aos saltos, para grande gáudio nosso e espanto da empregada que bebeu parte do brandi destinado ao peru... como era seu apanágio.

Outra recordação duradoura, indelevelmente associada à infância, é a dos saltimbancos que apareciam, para fazerem as suas acrobacias na rua em troco duns tostões. Eram, em geral, famélicos e escanzelados. Divertiam-nos com as suas habilidades, desde os palhaços a um outro a vomitar fogo, outros marchando em cima das "andas" que chegavam ao primeiro andar onde eu os observava, e outros que a memória deixou escapar. Nunca excediam uma meia dúzia de artistas que assim ganhavam a vida: o que mais me espantava é que houvesse já mulheres naquele meio, numa era em que estavam quase totalmente apagadas da sociedade caseira que lhes era imposta.

No Natal de 2007 fui ao Pico mas não consegui visitar as grutas da Torre (fechadas) e tive de regressar em 2009 para as visitar. Todos os minutos foram de uma desconumal aprendizagem e de algum temor. Há rochas enormes prestes a descolarem do teto. Uma visita surreal que parecia retirada de uma cena do filme "À procura da arca perdida". O momento culminante foi quando se apagaram as lanternas de mão e as luzes do capacete de mineiro. Ficamos trinta segundos à luz natural daquele enorme tubo lávico. Podia recordar 2008 e falar-vos do Pico com neve em pleno natal ou de como foi difícil arranjar onde jantar na Horta (Faial) na véspera de Natal, no dia 25 e seguinte (a que os anglófonos chamam

de Boxing Day). Podia falar-vos do jantar de consoada no Hotel Canal, a única unidade hoteleira aberta nesses dias, pois na imensa sala de jantar éramos apenas três e a funcionária. Ia quase pedir-lhe desculpa de a ter obrigado a estar ali na noite santa, quando um grupo de 7 alemães e outro de 5 espanhóis entrou na sala e deixei de me sentir responsável pela reserva efetuada em outubro.

Pouco antes (dezº 2005), vooi pelo Atlântico para passar o Natal com a minha mãe. Era sempre eu quem fazia os esforços de deslocação, pois reconhecia (mas começara a ter dúvidas) que os filhos tinham esse dever. Em tempos esperara que os nossos fizessem o mesmo. Não tive essa sorte. Estive sempre disposto a fazer o que fosse preciso pelos pais. Sonhei que se repercutiria comigo mas não tinha ilusões. A relação não era biunívoca, as gerações não eram estanques. Que se passou, no país e no mundo? Erramos na educação dos filhos? Não lhes inculcamos valores pelos quais nos guiamos durante a nossa vida? Não soubemos transmitir esses laços? Algo de errado devemos ter feito. Ou esta sociedade já nada tem a ver com a nossa? Lembrava-me de durante mais de duas décadas e meia em que estive expatriado sempre ter tido o cuidado de voltar em férias a Portugal. Ainda hoje lamuriava que com os gastos dessas viagens não tivesse viajado mais pelo Pacífico, ir à Nova Zelândia, Fiji, Nova Caledónia, Filipinas, Vanuatu e outras ilhas.

Esta é uma reação ao envelhecimento e à evolução tecnológica brutal, que ocorre, para a qual a minha geração não estava preparada. Como qualquer revolução, deixa uns mais preparados que outros para arrostar com provações e prosseguir. Estou profundamente cético e negativista, pois sei que a velhice vai encontrar um grande silêncio por parte dos jovens, incapazes de nos verem envelhecer e aceitar graciosamente as mudanças.

É preciso estar ciente que com os anos as coisas evoluíram e se transformaram, inclusive a relação entre pais e filhos. Não podemos agir como os nossos pais no passado. Estamos em constante evolução e nada melhor que bom senso e amor para educar os filhos, para manter um bom relacionamento. Na Austrália havia 97% de coisas positivas, mas queixava-me dos 3% que abominava, pela inumanidade de tratamento dos pais pelos filhos. Ao vir para Portugal pensava encontrar aqui esses 3% que me tinham feito falta. Enganei-me, ambos os países tinham já sociedades similares de desprezo pela terceira idade. Mesmo assim, há muitas experiências de vida que seria útil partilhar e trazê-las de volta a um tempo em que a família era alargada, e convivia nas festas de Natal e Páscoa. Creio que aquilo que se passou na mudança do séc. XIX para o XX está a suceder hoje a um ritmo bem mais acelerado. Qualquer dia só nos conhecemos virtualmente através do Facebook ou qualquer outro instrumento virtual. Talvez seja melhor e assim haja menos intrigas e desavenças familiares. É mais difícil brigar com estranhos, em especial se não soubermos que são da mesma família... Bem, resumindo, apesar de tudo isto, tenho saudades do Natal à moda antiga.

A todos desejo, não só nesta estação festiva como no resto dos anos que aí virão por entre crises, guerras, fomes, catástrofes naturais e humanas, os melhores votos, na certeza de que cada um de nós constrói o berço de palhinhas em que se deita e não adianta ficar à espera porque os Reis Magos já não andam de camelo e o GPS deles não vos vai localizar. Por outro lado, se olharem em volta verão Pilatos e Herodes e na cruz já não estão o bom e o mau ladrão, que esses andam mais ocupados em coisas da governação e não têm paciência para fazer companhia na cruz ao Cristo.

Cada vez mais, no entanto, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: espécie de realismo emocional, que através de uma percepção positiva da realidade nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e, graças a isso, a construir uma vida melhor. "As pessoas otimistas são aquelas que acham que a vida vale a pena ser vivida". Dito isto e face à crise que aí vem para os próximos anos (ou décadas), sorria, sintá-se melhor e lembre-se dos milhões que estão bem pior, os que ainda não têm (ou já não têm) liberdade de escrever o que pensam e sentem, os que não têm água ou comida, os que não têm teto para se abrigar, os que não têm saúde para viver, que não têm trabalho, os que são escravizados e todos os que estão bem pior do que nós. É esse o espírito que vos desejo para os próximos 365 dias.



Presépio: a ideologia que a

POR ANA CATARINA ROSA

É Natal, nasce o Salvador!!

Celebramos a chegada do Deus Menino, que trouxe consigo toda a esperança na salvação da humanidade.

É tempo de enaltecer as dádivas concedidas, de união entre as famílias, de reflexão e agradecer pela presença dos que cá permanecem e recordar os que só, na memória, continuaram presentes.

Nasce Jesus, que numa gruta, envolvido em mantas e sobre o olhar atento dos seus pais, uniu uma multidão que o adorou e venerou.

A celebração do Natal foi introduzida pela Igreja Católica no século III ou IV, de modo a estimular a conversão dos povos pagãos sob o domínio do Império Romano.

Derivada do latim *natalis*, a palavra Natal significa “nascimento”, sendo a 25 de Dezembro, data estabelecida pelo Papa Libério, no século IV, que celebramos o nascimento do menino Jesus.

Porém, a escolha da mesma levanta questões quanto à sua veracidade, pois não são conhecidos com precisão, nem o dia nem o ano. Apesar de ser possível constatar nos evangelhos de Mateus e Lucas, algumas fontes que remetem a relatos da infância de Jesus, os mesmos não clarificam a sua fidelidade.

Muitos estudiosos situam o nascimento de Jesus nos últimos anos do reinado de Herodes I, o Grande, que morreu no ano 4 a.C. Assim sendo, é possível que o nascimento de Jesus tenha ocorrido entre o ano 7 e 2 a.C.

Na teologia cristã, o nascimento do filho de Deus, é visto como uma encarnação do mesmo como o segundo Adão, sendo Jesus a vontade de Deus de desfazer o dano provocado pela queda deste.

A figuração em torno do Deus Menino é mais notória pela simbologia dos presépios.

As imagens em barro que ostentam a Sagrada família, têm vindo a adquirir destaque e a evoluir aos longos dos séculos, cabendo a sua proliferação e aperfeiçoamento a cada pessoa ou artista de acordo com a sua percepção e linha de estética.

Presépios e o seu surgimento

As encenações artísticas envoltas ao nascimento do salvador da humanidade têm sido mote de exploração para muitos artistas desde o século IV.

Nascido numa manjedoura, envolto em panos e auxiliado pelo calor provido de um burro e uma vaca, o recém-nascido tem o seu sono velado pela virgem Maria e São José. Esta cena simples conquistou e continua a avassalar corações pelo retrato modesto com que veio ao mundo o Deus Menino.

Esta figuração da celebração cristã foi acompanhada por inúmeras recriações artísticas e do modo como a mesma é relatada no Evangelho.

Para compreendermos a imensidade desta parábola, é necessário começarmos pelo início e compreender a própria designação de presépio.



Derivado do latim *praeseptium*, o mesmo significa curral, lugar ou estábulo. Segundo a Bíblia, não existiu um lugar para Maria e José em uma estalagem, acabando Jesus por nascer num estábulo ou gruta, enrolado em panos e deitado numa manjedoura.

Para chegarmos ao imago actual que presentemente adornam as casas de muitas famílias, é determinante mencionar São Francisco de Assis, fundador da Ordem dos Franciscanos, que em 1223, através da representação de um presépio vivo, foi o responsável pelo primeiro conceito que se conhece de presépio, em Greccio, na Umbria, Itália.

O mesmo foi cumprido após a licença concedida, parte do Papa Honório III e detinha como finalidade transmitir à população, o verdadeiro sentido da representação do nascimento de Jesus.

É a partir deste evento que começam a surgir os primeiros exemplares de esculturas naturais de pedra, terracota ou madeira que foram colocadas nas igrejas de modo a suscitar a devoção dos fiéis.

Todavia, o modelo de presépio, nos séculos XVI e XVII, sofreu alterações, sendo a sua evolução mais representativa em Itália, mais concretamente em Nápoles.

A primeira forma moderna do presépio deve-se a São Cayetano de Thiene, que em 1534, foi o responsável por idealizar um presépio com figuras de madeira cobertas com o vestuário da época, substituindo assim as esculturas de pedra.

Em 1700, as denominadas figuras de tamanho terzino, com cerca de 33 centímetros de altura, tamanho que veria a ser padronizado, eram feitas de terracota policromada, gesso cartonado ou em madeira, sendo o seu interior revestido de arame e os olhos de vidro.

Sem embargo, a maior inovação registada no presépio remota à ambientação do conjunto, passando-se a verificar uma mescla entre o religioso e o profano.

A acomodação do presépio passou a reflectir a vida social e quotidiana e a simbólica Sagrada Família foi ladeada por pescadores, taberneiros, vendedores de legumes, ferreiros, pastores, entre outros elementos que compunham o quotidiano do dia-a-dia de uma cidade.

Se originalmente os presépios destinavam-se unicamente às igrejas, a verdade é que os mesmos começaram-se a instalar-se, a partir do século XVIII, nas casas particulares.

O conceito do presépio correu o mundo e chegou a Espanha, pelas mãos do Rei Carlos III, que importou o mesmo de Nápoles.

O presépio foi ganhando popularidade, tendo-se estabelecido ao longo do século XIX em muitos lares pelo mundo.

Em Portugal, estes começaram a surgir com as criações do escultor Machado de Castro. As suas obras resultavam da constituição de retratos invulgares do século XVIII, pois eram na mistura de cenas bíblicas com situações presenciadas pelo mesmo no quotidiano do dia-a-dia, sendo dois exemplares destes tesouros, o Presépio da Sé de Lisboa e o Presépio da Basílica da Estrela

Presépios nos Açores

No caso dos Açores, enquanto presépio tradicional, as fontes alusivas à sua aparição são escassas, havendo referências que asseveram o seu surgimento, em meados do século XVI, com a fixação da Ordem dos Franciscanos nos Açores, onde foram inseridos e permanece até à actualidade.

Os primeiros exemplares conhecidos foram executados em conventos pelas freiras, cujo trabalho remonta ao uso de lapas e flores que ornamentavam figuras de barro.

O menino Jesus, Maria e José eram embelezados com ornamentos compostos por flores artificiais, escamas de peixe, papel, algodão, pequenas conchas, penas, musgo seco ou conchas.

Com a sua vertente bem assente na produção de objectos estético-decorativos, as freiras elaboravam nas suas actividades quotidianas flores artificiais, numa sala especializada, denominada de “*casa do trabalho*” e na qual “*todas as freiras deviam estar, nas horas determinadas pela abadessa, desenvolvendo cada uma a sua actividade, enquanto uma delas lia em voz alta um livro espiritual que suscitasse a devoção, articulando-se, desta forma, no processo de trabalho, valores estéticos, religiosos, morais e comportamentais específicos de cada Ordem.*”¹

As flores artificiais eram feitas de “*papel, tecido, miolo de figueira ou penas*”² e detinham a função determinante de ornamentar altares, imagens e respectivos andores aquando das procissões, sendo as mesmas “*representações duráveis, transfigurações simbólicas e decorativas das efémeras flores naturais, criando e reforçando relações estéticas, emotivas e contemplativas de comunhão e de comunicação com a imagem sagrada e o sobrenatural.*”³

Nesta vertente, é determinante mencionar a figura de Madre Margarida Isabel do Apocalipse, que ganhou a reputação de artista de flores artificiais e de bordados e tornou-se também na exímia artista responsável pela peça religiosa que actualmente compõem o extraordinário e célebre Arcano Místico.

É aqui que nos remetamos aos designa-



apregoa magia pelo mundo



dos Presépios de Lapinha.

O Arcano Místico, da autoria de Madre Margarida Isabel do Apocalipse, classificado em 2009 como Tesouro Regional dos Açores, é o exemplar mais completo que se conhece de um presépio, cuja complexidade, conduziu a que fosse necessários 27 anos para a sua conclusão.

Este conjunto escultórico religioso é “organizado em três pisos de um grande armário-vitrina (alt. 280 cm), de planta quadrangular, com quatro portas laterais de vidrinhos (200x200x200 cm).”¹⁴

É composto por 92 grupos de pequenas figuras policromas, onde vemos representados cenograficamente os mistérios mais importante do Antigo e Novo Testamento.

As pequenas esculturas foram modeladas, praticamente na sua totalidade por uma “pasta branca e, nalguns casos, colorida, à base de farinha de arroz, farinha de trigo, goma-arábica, gelatina animal e vidro moído”¹⁵ e na qual a sua conservação foi conseguida graças ao processo de secagem.

Os componentes representados neste grande exemplar constituem uma combinação de cenas que alinham o quotidiano com a grande simbologia religiosa e de uma profusão de vários elementos, dos quais sobressai-se o uso de musgo, con-

chas, pedacinhos de árvores, etc.

Apesar de no século XVII, os presépios já estarem a expandir-se em São Miguel, em grande parte pela influência de escultores continentais, como Machado de Castro, é no século XIX, que, os denominados “Presépios de Lapinha” passaram para domínio da arte popular.

Estes exemplares, compostos por peças tridimensionais decorados com arranjos ornamentais e figurativos combinam na sua composição vastos elementos que representam a cultura açoriana.

Os Presépios de Lapinha passaram, assim, a integrar muitas casas a título particular, sendo os mesmos articulados com os “Altars do Menino Jesus”. Estes últimos, dispunham-se por cima da cómoda do quarto principal da casa e eram decorados entre o dia de Santa Bárbara e o da Imaculada Conceição.

Os presépios de lapinha ou o altar do Menino eram ornamentados com ervilhaca ou milho juntamente com tangerinas ou laranjas. No chão de pedra ou terra das casas eram colocadas com ramos picados de pinheiro, criptoméria ou cedro, sendo que a autenticidade desta ornamentação ainda desencadeia memórias dos que autora vivenciaram as mesmas.

Com o passar das décadas, a evolução

envolta na sociedade também se fez sentir com a montagem e criação dos presépios.

Nos dias que correm, os mesmos geralmente são montados no chão ou sobre uma estrutura e decorado com musgo, cedro, farel, cascalho ou galhos de camélias, sendo adornados com os bonecos de barro, onde vemos representados as vivências do quotidiano da cultura açoriana.

Os bonecos de barro, originalmente cozidos e pintados na segunda metade do século XIX, acabaram por ser aperfeiçoados e expandidos na sua representação.

A outrora representação convencional das figuras do menino Jesus, Maria, José, o burro, a vaca e os reis magos, figuras centrais da composição de um presépio, foram ganhando elementos fulcrais, passando a adquirir um misto entre as partes religiosa e profana da cultura açoriana, como a procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres; os quartos do Espírito Santo; as procissões; os foliões; a matança do porco, a mulher de capote e capelo, o padre, o camponês, as bandas de música, entre outros e cuja representação popular é de grande importância para a comunidade católica.

A verdade é que cada vez mais os presépios provêm da imaginação de cada pessoa, podendo englobar não apenas o tradicional como adquiriram também uma componente mais moderna e contemporânea e que indirectamente da sua composição, detêm o mesmo significado, o de receber e adorar

o menino que nasceu para nos salvar.

¹Martins: 2009, 61

²Ibidem

³Idem: 62

⁴Idem: 75

⁵Idem: 76

MARTINS, Rui de Sousa, “As artes convencionais nos Açores e o processo de criação do Arcano Místico da Ribeira Grande”. Arquipélago, História, 2ª série, XIII, 2009, p. 49-85.

MARTINS, Rui de Sousa, “A escultura cerâmica regionalista do arquipélago dos Açores”, Arquipélago. História, 9-10, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2005-2006, 409-467.

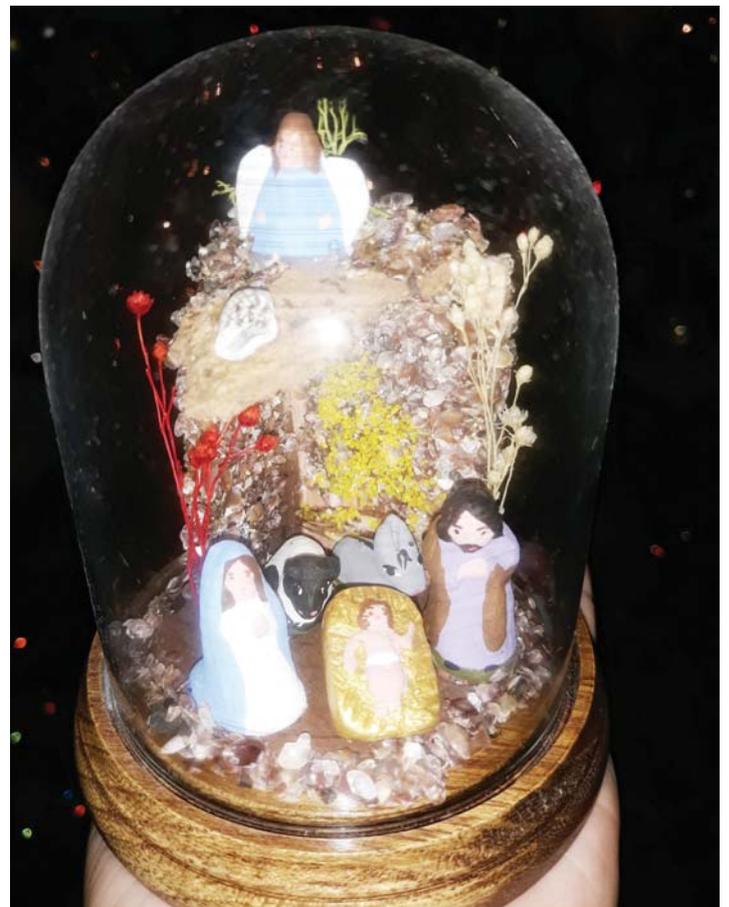
MOURA, Mário, “O Arcano Místico e a Freira do Arcano”, Insulana. Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2008, 153-160

O presépio, uma paixão desde o século XVIII. Disponível em: https://www.nationalgeographic.pt/historia/o-presepio-uma-paixao-o-seculo-xviii_3361

800 Anos do primeiro Presépio criado por São Francisco de Assis. Disponível em: <https://museuosaresdosreis.gov.pt/800-anos-do-primeiro-pressepio-criado-por-sao-francisco-de-assis/>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Natal>

*jornal@diariodosacores.pt





Gilberto Bernardo

O Natal na casa nova

O Nuno era um menino de sete anos, de cabelos e olhos castanhos-claros, que vivia na cidade e passara para o terceiro ano do ensino básico. A casa onde vivia era pequena, pelo que os pais do Nuno haviam comprado uma outra, num espaço fora do bulício da grandecidade. Após concluírem o negócio os pais do Nuno mudaram para a nova casa que ficava numa zona rural, mas muito próxima da cidade onde trabalhavam. O bairro onde agora iam viver tinha muito mais espaço e a casa tinha um grande Jardim onde o Nuno podia brincar à vontade.

Mas todas as mudanças acarretam outras. O Nuno, teria de frequentar outra escola, conhecer outros professores e conviver com outros colegas. Os pais foram com ele à escola falar com a professora e a transferência efectuou-se rapidamente. No primeiro dia de aulas a professora apresentou o Nuno aos novos colegas, mas estes pouco lhe ligaram e até as meninas, fizeram-lhe “caras feias”, na hora do recreio. Embora o Nuno gostasse da professora e da forma como ela ensinava, pois, era um estudante atento, sempre pronto a obedecer, sem reclamar, a qualquer ordem dela, porém, com os colegas era diferente, parecia-lhe que eles não gostavam dele, nunca o convidavam para os seus jogos e quando o Nuno lhes pedia para entrar nalguma brincadeira, raramente o deixavam participar, o que o deixava muito triste.

O Nuno disse aos pais o que se estava a passar e, tanto o Pai como a mãe, fizeram-lhe ver que aqueles meninos e meninas haviam nascido naquela comunidade, já se conheciam há muitos anos e andavam naquela escola há já muitotempo e que ele, apenas, chegara ali há duas ou três semanas, quase no fim do período. Aconselharam o filho a ter paciência, pois quem vem de fora é que se tem de adaptar e isso, por vezes, leva algum tempo a acontecer.

Embora triste com a situação o Nuno percebeu a orientação dos pais e jurou, a si mesmo, ter mais paciência como os colegas, pois, faltava, apenas, duas semanas para as férias do Natal.

A quadra natalícia deixava o Nuno radiante e sempre ajudava o pai e a mãe a preparação do necessário para terem uma boa festa de Natal.

Nesse ano, na nova casa, uma vez que esta tinha um grande jardim, o pai e o Nuno montaram um enorme presépio e enfeitaram toda a fachada da casa com luzes multicolores. Para tal, o Nuno e o pai, todos os dias à noite, era vê-los: ora pregando, ora montando as figuras do presépio, pintadas pelo pai durante o ano, onde se podia ver a cena do nascimento de Jesus, os pastores com os seus rebanhos, os reis montados em camelos e vários anjos. As pessoas que passavam ficavam admiradas com toda aquela azáfama. No interior da casa a azáfama também não era menor, pois, a mãe do Nuno, mal chegava do seu emprego, ia decorando toda a casa e, até altas horas da noite, ficava a confeccionar doces e licores, próprios para a temporada.

Na noite de Natal presépio e as restantes decorações estavam concluídos. Assim, as luzes do presépio ficaram acesas até de madrugada e quem passava para a missa do galo, ficava admirado com toda aquela maravilha de cor, luz e com a música suave que era difundida no jardim.

Como naquele bairro não era costume haver decorações natalícias exteriores, a casa do Nuno despertou a atenção geral, tanto no bairro como também na pequena aldeia.

Na quadra de Natal, todas as noites o pai do Nuno ligava as luzes e a música. O Nuno, vestido a rigor, ficava à porta do Jardim convidando quem quisesse entrar para ver mais de perto o presépio. A todas as pessoas eram servidos sumos, licores e doces.

Todos os colegas da escola do Nuno, juntamente com os seus familiares, foram ver o presépio e provar os doces. No fim, toda a gente na aldeia era unânime em afirmar: aquele Natal fora diferente, devido à ideia e ao trabalho do Nuno e dos seus pais e começaram desde logo a imaginar como podiam imitar o que eles faziam lá em casa.

Quando o Nuno voltou à escola, os colegas que anteriormente não lhe ligavam nenhuma importância, queriam agora ser todos seus amigos, e já o convidavam para as suas brincadeiras... até as meninas, que lhe faziam “caras feias” no recreio, agora, iam ter com ele, sorridentes, pedindo-lhe que trouxesse as receitas dos doces que a mãe fazia.



Victor de Lima Meireles

Natal de ausências

natal de ausências
por onde o tempo foi deixando
o rasto de uma lembrança
que a água tenta levar
para ser esquecida no corredor da memória

todos já se foram
e os seus nomes são apenas
o ruído da pedra a rastejar pelo chão
e o doce afago de uma pena a afagar o rosto que os anos enrugou

a mãe que ponha a mesa
com os pratos coloridos
com o desenho de um ramo de azevinho
com o rebordo vermelho numa linha sinuosa
e rubra e forte como deve ser o amor de quem ama os instantes

todos eles roubados pelo que a vida levou
pelo vento que balança a gávea num barco à deriva sobre as ondas

pois que perdeu a bússola que o guiava ao coração da enseada

- onde todos o esperavam

- meu Deus onde já vai o Natal
e em que rua ficaram perdidos os meus passos





A CEMAH deseja-lhe um Natal repleto de paz,
união e amor e que este espírito esteja presente
em todos os dias do novo ano.

Boas Festas

SOMOS A CAIXA DOS AÇORES

WWW.CEMAH.PT



Lopes de Araújo *

Conto

Lotaria de Natal

Porque é que uns têm sorte na vida e outros não? Claro que para ter sucesso é preciso esforço e trabalho... mas é necessário sempre um pouco de sorte.

Foi o caso do Ruca.

Rui Manuel Sousa, para os amigos o Ruca, fizera os cinco anos da Escola Industrial e arranjava trabalho como administrativo nos Serviços Municipalizados de electricidade. Ganhava-se pouco, mas não era um mau emprego nos anos sessenta e numa cidade de província que era aquela dos Açores onde nascera e se criara. Tinha sorte. Não tinha mulher nem filhos, vivia com a mãe, pelo que contava com casa, comida e roupa lavada. O dinheiro ia para um ou outro fato que tal como a gravata, eram então traje obrigatório na repartição. Dava algum à mãe e ficava com o resto para no sábado depois do cinema no Coliseu, ir logo ali em frente beber umas canecas de cerveja na Melo Abreu e para entornar mais algumas no domingo à tarde acompanhadas de amendoins, a ver a bola no estádio Margarida de Chaves ao lado do Relvão.

Dir-se-ia que o Ruca era um homem de sorte. O pé chato e uma asma crónica não muito grave, livraram-no por uma unha negra do serviço militar e de ir bater com os costados no Ultramar. De novo a sorte a olhar por ele, já que naqueles anos poucos se safavam de fazer a tropa e de ir parar à guerra de África.

Na repartição cedo lhe começou o gosto por jogar. Jogava no bicho, jogo clandestino, mas de tão popular que era já quase "legalizado". Todas as semanas ia deixar uns escudos no bicheiro mais próximo, o barbeiro Mestre José no canto em baixo da Rua. Tinha palpites... como dizia e não raro era o dia que logo pela manhã, ora tinha uma fé na avestruz onde rápido apostava ou porque sonhara com um macaco, punha a repartição inteira a apostar no dito...e a ganhar. Todos lhe perguntavam na quinta-feira qual era o palpite dele, para logo o seguirem nas apostas, com uma fé e fidelidade quase religiosas. A verdade é que acertava na maior parte das vezes. Houve mesmo um Natal em que lhe venderam umas simples rifas e foi para casa ao fim do dia com cinco litros de azeite e dois patos, prémio do dito sorteio. O Ruca trazia consigo a sorte...Não comprava a lotaria porque era muito cara.

Mas um dia arriscou comprar uma cautelosa na Lotaria de Natal. Era a última que o cauteleiro tinha na mão. Hesitou ...andou ali às voltas a interrogar-se sobre se deveria ou não jogar, mas finalmente decidiu-se a comprar. Era um número baixo o 12433, lembrava-se bem. No dia seguinte não queria crer quando de ouvido colado à rádio, ouviu cantar na extração da Santa Casa da Misericórdia:...doze mil quatrocentos e trinta e quatro...primeiro prémio, quatro mil contos. Falhara o primeiro prémio apenas por um....

Apostava tudo ...cinco escudos no resultado de um jogo de futebol...2escudos em como o Chefe não vinha hoje, tudo servia de pretexto para desafiar os colegas para uma aposta a dinheiro. A única coisa que não jogava a dinheiro era às cartas. Nem poker nem qualquer outro jogo. E isso tinha uma explicação. Por um lado, acreditava na sorte pela sorte, na aposta aleatória e não numa habilidade ou conhecimento do jogo, era esse risco do incerto, do acaso escondido no futuro, aquilo que o seduzia. A outra razão era o pai que partira há anos e o deixara a ele miúdo e à mãe sem qualquer amparo. O pai passava noites a jogar cartas a dinheiro, bebia tanto quanto jogava, perdera o que tinha e o que não tinha...e só não apostava a casa, porque essa não lhe pertencia, era da avó materna e assim continuou. Do Pai nunca mais soubera nada.

Apesar de uma vida tranquila, o Ruca como quase todos os Açorianos sonhava com a América. Tinha lá um tio que emigrara era ele miúdo. O Tio vivia em Bridgeport Connecticut e depois de muitos anos de ausência, viera à ilha. Contara a vida que tinha, montara a sua própria empresa de limpeza de escritórios e tinha mais de cinquenta pessoas a seu cargo. Propôs ao sobrinho ir trabalhar diretamente com ele. O Ruca hesitou...não queria deixar a mãe, mas pensou logo na possibilidade de fazer carta de chamada logo estivesse instalado. E lá partiu do campo de Santana, deixando para trás os amigos e a repartição, a caminho de Nova Iorque com paragem em Santa Maria, para apanhar o grande avião da Pan American que o levaria até ao Aeroporto de Kennedy, onde o tio o aguardava.

Trabalhou duro nos primeiros anos, trouxe a mãe para a América e casou com uma bonita rapariga Portuguesa que conhecera numa festa no Salão Português de Hartford logo ali perto de onde vivia em Bridgeport.

O jogo e a sorte pareciam ter ficado para trás e pertenciam ao passado.

Até que um dia, um amigo levou-o pela primeira vez às corridas de cães, ao dogtrack. Foi no "Shoreline Star" num parque da cidade. Apostou no J.C Wesley, um galgo afegão que corria que nem uma seta e naquela noite fez quase cinco mil dólares. Passou dos cães para as corridas de cavalos em Nova Iorque aonde ia de quando em vez e seguiram-se algumas noites num Casino, "O Cristal"

numa reserva índia onde ganhou mais do que perdeu. A sorte voltara...

Os negócios corriam bem, tinha já a sua empresa de "Real Estate", ou seja, uma imobiliária, e era dos maiores vendedores da área. Para fazer férias, a mulher estudava cuidadosamente o destino, escolhendo locais onde não houvesse jogo por perto, para poupar nas discussões com o Ruca.

Nos cruzeiros que frequentemente faziam, era difícil mantê-lo no camarote. Esquivava-se a meio da noite, para ir ao casino por umas moedas nas máquinas ou jogar na roleta e no *black Jack*. Mesmo num cruzeiro em que não havia casino, a mulher foi um dia encontrá-lo no convés superior, com dois turistas canadianos, todos já bem bebidos, a apostarem em corridas de tartarugas, animais que tinham retirado para o efeito de um aquário existente na rezeção do navio.

Tinha uma fatal atração pelo jogo, tinha sorte e em geral saía ganhador.

Era dezembro poucos dias antes do Natal.

Deitara-se já tarde, depois da festa de Natal da empresa num hotel da baixa da cidade. Bebera vários *dry-martinis*, vinho da Califórnia, depois Vinho Português trazido propositadamente para a festa. O sono foi agitado, acordou várias vezes no silêncio da casa, apenas com o zumbido do aquecimento ligado. Passara então a vida em revista, a infância difícil, o pai que nunca mais vira, o emprego na repartição, os jogos no Margarida de Chaves e as cervejas da Melo Abreu, a partida para América já há mais de vinte anos, o casamento e os filhos, o sucesso e uma vida boa, o prazer de jogar, arriscar e ganhar.

Voltou a adormecer. Agora sonhava com particular nitidez. Estava em Nova Iorque (onde ia com frequência porque ficava ali próximo) num café com um grande televisor ligado. Anunciavam os resultados do *Megabucks* (Lotaria Americana) ou seria o *Powerball* a milionária lotaria, a maior de todas a nível Federal? Não conseguia distinguir. Mas o locutor anunciava os números premiados: 6, 15,34, 42 e 60 e o número suplementar o 7. Alguém lhe perguntou: Tomaste nota? E ele afilto no sonho, à procura de uma caneta e a escrever num bocado da toalha de papel do bar. Acordou em pânico porque não jogara.

Apenas se ouvia o zumbido do aquecimento. Voltou-se na cama várias vezes. A mulher dormia tranquilamente. Levantou-se e foi para a sala em baixo. Pela janela viu a neve a cair ininterruptamente por detrás das luzes de decoração Natalícia. Pensou vamos ter um "White Christmas"...

Foi fazer café. Doía-lhe a cabeça, não sabia se do sonho tão real se dos *dry-martinis* da véspera. Saiu para o escritório ainda era noite.

Tinha escrituras para fazer com clientes, seguros para tratar (era agora também *broker insurance*) casas para mostrar. Esse trabalho era para os mais de trinta vendedores que trabalhavam com ele, mas fazia questão de acompanhar alguns clientes especiais.

As quatro da tarde deixou o escritório, atravessou a rua e entrou no supermercado para comprar o que a mulher lhe pedira para o jantar. À entrada, estava o posto de venda do *Megabucks* e o anúncio de *Christmas jackpot para hoje no Powerball*... 30 milhões de dólares.

Nem hesitou. Tentou lembrar-se dos números do sonho, mas não se recordava de início. Pegou numa caneta e num bocado de papel e uns segundos depois... os números apareceram-lhe claros e nítidos como no sonho. Escolheu os números, o suplementar a bola vermelha o 7, pagou os dois dólares, guardou o comprovativo e saiu.

Depois do jantar ficou na sala a ver televisão.

Era perto das onze da noite. A casa voltara ao silêncio e ao zumbido do aquecimento. O volume do televisor estava baixo para não acordar a mulher. Deu umas cabeçadas de sono e dormitou. Voltou a acordar para com o comando saltar os canais até ao canal da Lotaria... anunciavam agora os resultados do *Powerball*:

6, 15,34, 42 e 60 e o número suplementar o 7.

Não sabia se estava ou não de novo a sonhar...

Ganhara a lotaria de Natal!

Como todos os Contos de Natal aqui publicados também este é inspirado em factos reais.





CIMENTAÇOR

CIMENTOS DOS AÇORES, LDA.

**Uma base sólida para o
progresso dos Açores**

**DESEJAMOS A TODOS UM
SANTO NATAL E UM
PRÓSPERO ANO NOVO**

**CIMENTOS PORTLAND
DE POZOLANA**

Ideais para Ambientes Marítimos
Produzidos nos Açores



SACO LEVE 25 KG



Moagem das Murtas
Rua Bento Dias Carreiro, nº 6
9600-050 RIBEIRA GRANDE
Telefone: 296 201 730 / Fax: 296 201 748
cimentacor.murtas@cimpor.com

Terminal da Praia da Vitória
Porto da Praia da Vitória
9760-571 PRAIA DA VITÓRIA
Telefone: 295 513 030 / Fax: 295 513 171
cimentacor.praia@cimpor.com



José Soares*

Peixe do meu quintal

Paz na Terra Em modo de Guerra

“Na Antiguidade e antes da Era cristã, muitos povos comemoravam o solstício de inverno (natalis invicti Solis). A festa originalmente era destinada a celebrar o nascimento anual do Deus Sol. A festividade foi transformada pela Igreja Católica no século III para estimular a conversão dos povos pagãos sob o domínio do Império Romano e então passou a comemorar o nascimento de Jesus.”

Para os cristãos, tudo começa com a existência de Jesus, judeu, pregador e mais tarde endeuado pela instituição religiosa numa das suas primeiras assembleias, reunida mais de dois séculos depois da sua morte. E daquela pequena seita de seguidores, partiram de um grupo que se foi desligando do judaísmo e se desenvolveu rumo à numerosa religião da atualidade – o Cristianismo. Esta gerou o Catolicismo e daqui, outras surgiram em discórdia protestante, como Anglicanos, Batistas e outras, a quem os católicos depreciativamente chamam de ‘seitas protestantes’.

Mas antes, temos os Hebreus, que são um povo de origem semita, grupo étnico que se diz descendente de Sem, personagem bíblica e um dos filhos de Noé e que segundo a narrativa bíblica, estabeleceu-se em Canaã (parte da atual Israel) por meio do patriarca Abraão. Ao longo da sua história, os hebreus emigraram para o Egito, retornaram a Canaã, reconquistaram a terra dos cananeus e filisteus e, depois de serem conquistados por uma série de povos, passaram a fugir da região por conta da violência romana e não só. Há quem afirme que os palestinianos de hoje, serão descendentes dos filisteus, cuja pátria se situava onde hoje existe Gaza – a Filistina.

Os muçulmanos acreditam que Deus é único e incomparável e o propósito da nossa existência é adorá-Lo. Eles também acreditam que o Islão é a versão completa e universal de uma fé primordial que foi revelada em muitas épocas e lugares anteriores, incluindo por meio de Abraão, Moisés e Jesus, que eles consideram profetas. Os seguidores do Islão afirmam que as mensagens e revelações anteriores foram parcialmente alteradas ou corrompidas ao longo do tempo, mas consideram o Alcorão (ou Corão) como uma versão inalterada da revelação final de Deus.

Todas estas três grandes religiões são monoteístas (um só Deus) e abraâmicas (tendo Abraão como referência teológica).

Os três nomes de Deus: Jeová, Deus-Pai, Alá, ser supremo, invisível, onnipresente e onisciente, construtor, obreiro e mestre de tudo o que existe. Juiz Final.

Tanto para o Judaísmo como para o Islão, não existe Natal. O conservadorismo e a ortodoxia judaica, ainda esperam pelo seu Messias. Se estivéssemos a falar de política, diríamos que eles seriam da direita ou mesmo extrema-direita em muitos contextos temporais.

Assim que pelo meio, temos o Cristianismo que mediava muitas das situações à sua volta, inspirados na mensagem de Paz, Solidariedade, Igualdade entre todos os povos, etnias ou religiões. Isso era inadmissível para os radicais judeus. Estes eram fechados e, ainda hoje, há problemas com casamentos entre não judaicos, principalmente entre os mais conservadores. Quando Jesus, enquanto judeu que representava ideias jovens e progressistas do judaísmo, abriu as portas a todos os povos não judeus aos ensinamentos da Bíblia Hebraica, isto causou tal escândalo por entre os velhos defensores da ordem habitual, que logo trataram de conspirar para se verem livre desse jovem de ideias revolucionárias ou, como hoje diriam alguns, completamente ‘fora da caixa’.

De acordo com The World Factbook, elaborado pela CIA com dados de 2012, os sistemas religiosos e espirituais com maior número de

seguidores em relação à população mundial são: cristianismo, 28%; islamismo, 22%; hinduísmo, 15%; budismo, 8,5%; pessoas sem religião, 12% e outros, 14,5%. Estudos conduzidos pela Pew Research Center em 2009 mostram que, geralmente, nações mais pobres têm maior proporção de cidadãos que consideram a religião muito importante do que em nações ricas – exceção feita aos Estados Unidos e Kuwait. A irreligiosidade responde por 14,27% e o ateísmo 3,97% da população mundial, seguidos pelas religiões étnicas indígenas.

A partir do século III, os cristãos começaram a celebrar o nascimento de Jesus. O Islão haveria de nascer cerca de trezentos anos depois, no ano 600 da era cristã, visto que o seu fundador e profeta Maomé, veio ao mundo na cidade de Meca por volta do ano 570.

Na Antiguidade e antes da Era cristã, muitos povos comemoravam o solstício de inverno (natalis invicti Solis). A festa originalmente era destinada a celebrar o nascimento anual do Deus Sol. A festividade foi transformada pela Igreja Católica no século III para estimular a conversão dos povos pagãos sob o domínio do Império Romano e então passou a comemorar o nascimento de Jesus.

Como a troca de presentes e muitos outros aspetos da festa de Natal envolvem um aumento da atividade económica entre cristãos e não cristãos, a festa tornou-se um acontecimento significativo e um período chave de vendas para os retalhistas e para as empresas. O impacto económico da comemoração é um fator que tem crescido de forma constante ao longo dos últimos séculos em muitas regiões do mundo.

A tradição diz que o Presépio (do latim: praesepio) surgiu em 1223 da era cristã, quando São Francisco de Assis quis celebrar o Natal o mais realista possível e, com a permissão do Papa, montou um presépio de palha, com uma imagem do Menino Jesus, de seus pais Maria e José, juntamente com um boi e um jumento vivos e vários outros animais. Nesse cenário, foi celebrada a Missa de Natal.

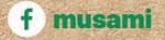
O sucesso dessa representação do presépio feita por Francisco de Assis foi tanto, que rapidamente se estendeu por toda a Itália. Logo se introduziu nas casas nobres europeias e de lá foi descendo até às classes mais pobres. Na Espanha, a tradição chegou pela mão do Rei Carlos III, que a importou de Nápoles no século XVIII. A popularidade nos lares espanhóis e latino-americanos estendeu-se ao longo do século XIX e chegaria a França nos começos do século XX. Em todas as religiões cristãs, é consensual que o Presépio é o único símbolo do Natal de Jesus verdadeiramente inspirado nos Evangelhos.

Pelo egoísmo intrínseco dos humanos, o berço histórico desta festa global de Paz – cidade de Belém – faz parte da geografia de guerra a que assistimos. As milenais lutas pelas supremacias religiosas, onde cada lado afirma perentoriamente que a verdade de Deus está na sua posse, continuam a verter vítimas através dos mais variáveis interesses. Os fanatismos extremistas, tanto de um lado como de outro, tem sido a maior fábrica de holocaustos e de horrores, onde se espelha a estupidez humana e o esquecimento do Deus de três nomes.

* jose.soares@peixedomeuquintal.com



musami.pt



NESTE NATAL
CADA EMBALAGEM
TEM O SEU LUGAR

VOTOS DE
**Boas
Festas**





Até 8 de Janeiro de 2024...

Há 23 presépios a visitar em Ponta Delgada

Há, pelo menos, 23 presépios que merecem ser visitados no concelho de Ponta Delgada, espalhados pelas 17 freguesias do concelho, devendo os interessados consultar o folheto lançado pelo município desta cidade.

Com efeito, a Câmara Municipal de Ponta Delgada promoveu a 2.ª edição do Roteiro de Presépios, uma iniciativa que disponibiliza um flyer bilingue com a localização exacta de vários presépios, que podem ser contemplados por todos os interessados nas diversas freguesias do concelho.

O referido Roteiro irá integrar 23 presépios, espalhados por 17 freguesias do concelho de Ponta Delgada, que poderão ser visitados e apreciados até 8 de Janeiro de 2024.

No fundo, o Roteiro de Presépios pretende identificar e dar a conhecer os presépios existentes pelas várias freguesias do concelho, enaltecendo desta forma a criatividade e o empenho das pessoas e das instituições, que se dedicam a manter viva esta tradição.

Este flyer, que está disponível em várias unidades hoteleiras da cidade, equipamentos culturais da autarquia, bem como nas 24 Juntas de Freguesia do concelho, é mais uma iniciativa do Município para assinalar e celebrar esta época natalícia, segundo nota do município.

Exposição de vários presépios artesanais

Entretanto, há uma exposição de vários presépios artesanais que está aberta ao público na Sala do Forno do Centro Cultural de Ponta Delgada, que também merece ser visitada.

Com esta exposição, a Câmara Municipal de Ponta Delgada pretende, nesta época natalícia, mostrar a diversidade de presépios que existe.

Para tal convidou vários artesãos e colecionadores para mostrarem os seus trabalhos e colecções, dos seguintes artesãos: António Barreto; Isabel Silva Melo, Maria Leonor Couto, Margarida Couto e Paula Amaral - Atelier dos Mingachos; Turma LOV, FPPA, FPPB, 12 E - Cerâmica d'Antero; e Miguel Batista, Fábio Sousa, Miguel Toscano, Rita Andrade, Teresa Saraiva e Victor de Lima Meireles.

O horário é de Segunda-feria a Sexta-feria - 09h00 às 17h00 | Sábados - 14h00 às 17h00 | Domingos e feriados - encerrado, e o acesso é gratuito.

Presépio Prior Evaristo poderá ser visitado a partir de amanhã

A Câmara Municipal da Ribeira Grande irá proceder à abertura do Museu Municipal a partir do dia 25 de Dezembro, por forma a possibilitar a visita ao emblemático presépio movimentado do Prior Evaristo Carreiro Gouveia.

O presépio do Senhor Prior foi fundado pelo Prior Evaristo Carreiro Gouveia, pároco da paróquia de Nossa Senhora da Estrela, freguesia da Matriz, da Ribeira Grande.

É uma criação de arte popular que terá tido o seu primeiro embrião com a chegada do Prior à Ribeira Grande.

O presépio foi criado com o objectivo de ajudar a igreja e ocupar os tempos livres dos jovens que se reuniam na Associação da Juventude.

Provavelmente nos anos vinte é introduzida a "movimentação" do presépio a manivela, junto de um pequeno núcleo bíblico e a qual teve logo uma grande aceitação pelo público.

Por volta de 1979 a manivela foi substituída por motor eléctrico.

Aquando do aparecimento do presépio movimentado, as principais figuras que se moviam, eram o burro, a vaca, a Nossa Senhora e São José, as tradicionais Cavalhadas de São Pedro, as procições à volta do adro e os Romeiros.

O Prior tinha então já a preocupação de reconstruir alguns aspectos religiosos e profanos que marcavam a Ribeira Grande.

The image shows a grid of 23 small flyers, each representing a different nativity scene in various parishes of Ponta Delgada. Each flyer includes the name of the parish, the location of the nativity scene, and contact information for the organizing group.

chos; Turma LOV, FPPA, FPPB, 12 E - Cerâmica d'Antero; e Miguel Batista, Fábio Sousa, Miguel Toscano, Rita Andrade, Teresa Saraiva e Victor de Lima Meireles.

local, uma exposição de Judite Barros, intitulada "Magia das Colecções".

A exposição, que nos remete para a quadra natalícia, apresenta uma colecção de Pais Natais, caixas de música, globos de neve, Meninos Jesus, presépios e outras tantas figuras alusivas ao Natal, levando-nos numa verdadeira viagem de magia e cor.

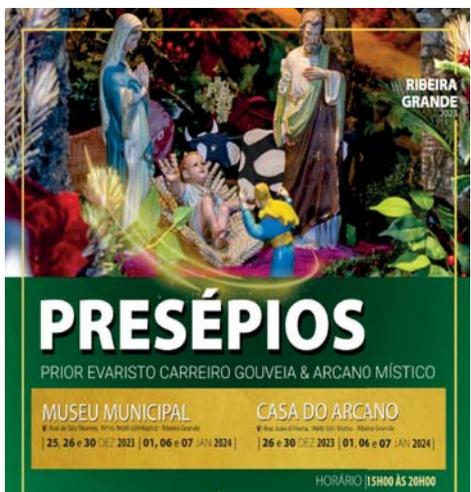
O colecionismo é a prática que as pessoas têm de guardar, organizar, seleccionar, trocar e expor diversos objectos por categoria, em função do gosto pessoal do coleccionador e, neste caso em específico, o público terá a oportunidade de apreciar a paixão pela arte do coleccionador.

A exposição estará patente no Museu Municipal até ao dia 2 de Fevereiro.

O Museu Casa do Arcano também estará aberto ao público, a partir do dia 26 Dezembro, para visita ao Arcano Místico, o primeiro tesouro regional da Região Autónoma dos Açores, da autoria de Madre Margarida do Apocalipse.

Os presépios poderão ser visitados durante o horário normal de funcionamento dos respectivos museus.

De Segunda a Sexta-feira, das 9h às 17h, e durante a época festiva, em horário diferenciado, das 15h às 20h, nos dias 25 (apenas o Museu Municipal), 26 e 30 de Dezembro, e 1, 6 e 7 de Janeiro.



O presépio do Senhor Prior é uma referência identitária da Ribeira Grande do século XX. Como objecto museológico e de grande interesse cultural podemos através dele recordar e explicar a sociedade que o criou. Mas, até lá, poderá também visitar, naquele



PUB.



A SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE PONTA DELGADA
DESEJA A TODOS OS SEUS UTENTES, FAMILIARES,
TRABALHADORES, COLABORADORES E ASSOCIADOS

*Um Feliz Natal
e um próspero Ano Novo*

PUB.



*Feliz
Natal*

A Mesa Administrativa
da Santa Casa da
Misericórdia da Ribeira
Grande deseja aos
seus Irmãos, **Utentes**,
Funcionários e
Público em **Geral**



“Atelier Solinho é homenagem, sonho, com

Catarina Frias Quental é advogada, mas dedica-se ao artesanato, criando peças com muito encanto

POR NICOLE BULHÕES



Catarina Frias Quental é advogada, artesã e “açoriana de gema”. Nasceu em São Miguel e há cerca de 9 anos atrás decidiu criar o “Atelier Solinho”. Este atelier surgiu da sua necessidade de ter um escape ao stress do dia-a-dia e é onde a advogada se dedica à criação de diversos trabalhos manuais, sendo que alguns enquadram-se na época natalícia. O “Atelier Solinho” é também uma homenagem à sua avó materna, que desde cedo incutiu em Catarina o gosto pelo

artesanato.

Em conversa com o Diário dos Açores, Catarina Frias Quental contou a sua história e declarou que é “apaixonada por este arquipélago de bruma e o seu mar envolvente”. Sendo que foi para Lisboa para se formar em Direito e, mais tarde, acabou por regressar à sua terra natal.

“Aos 18 anos rumei a Lisboa, para me formar em Direito, e posteriormente ingressei na Ordem dos Advogados, no mundo da Advocacia e das leis. Após a finalização dos estudos, regresssei à ilha materna que sempre me chamou”, disse Catarina Quental.

A advogada explicou que sempre foi apreciadora de artesanato e que a criação do “Atelier Solinho” surgiu da sua necessidade de ter uma actividade que lhe aliviasse o stress do dia-a-dia e que a mesma pudesse ser executada a partir de casa.

“Enquanto mulher, trabalhadora, e mais tarde mãe de 3 filhos, o mundo gira num reboiço e azáfama diária, em busca de realização pessoal e profissional, nas diferentes “frentes” que divido o meu tempo. Com o passar dos anos, o aumento do stress, a falta de tempo para mim, e para as minhas actividades com horas marcadas, como por exemplo a dança, (dado que outrora fui praticante de dança), tentei descobrir uma ocupação que pudesse executar em casa, e sem sujeição de horas”, comentou.

“Assim nasceu o atelier, há cerca de 9 anos, uma prática de diferentes modalidades de trabalhos manuais, como um anti-stress, pois sempre fui apreciadora de artesanato e artes manuais, procurando então aprender algumas “artes” em workshops casuais, e noutras ocasiões fui autodidacta”, explicou.

Quanto à origem do nome “Atelier Solinho”, a advogada expressou que tudo tem o seu fundamento e que procura dar uma justificação a tudo. Assim, decidiu fazer uma homenagem à sua avó mater-



na, Ironidina Vasconcelos Tavares, que também se dedicava aos trabalhos manuais e deixou desde cedo o “bichinho” do artesanato em Catarina.

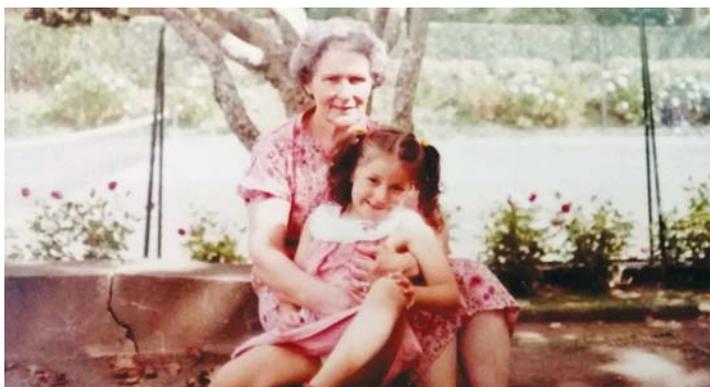
“Resolvi fazer uma homenagem à minha avó materna Dina (era como lhe chamava). Foi quem me ajudou a criar, dando todo o seu amor e exemplo de





Concretização, anti-stress e no fundo, amor”

*dedica-se ao artesanato nos seus tempos livres,
cantando nesta quadra natalícia*



Catarina Frias Quental e a sua avó materna Irondina Vasconcelos Tavares

vida. Uma grande Mulher, em todos os sentidos, com umas mãos e coração de ouro, e que sempre me viu como o “solinho” da vida dela”, exclamou.

Nos seus trabalhos, Catarina Frias Quental tem “experimentado diferentes áreas do artesanato, desde a costura criativa, *patchwork*, presépios de lapinha, registos, palmitos, bonecos de barro, escamas de peixe, bijutaria, vimes, espadana, vários tipos de bordados, entre eles, o nosso bordado regional a matiz, bonecas de folha de milho, lâ mágica, *amigurumi*, *cake design* e teatro (como responsável figurinista)”.

“No entanto, o que efectivamente mais gosto de fazer é a costura criativa, lapinhas e registos, sem dúvida são os que mais me cativam e me dão mais gosto de idealizar e construir. Faço as peças sem destino específico, simplesmente porque gosto, e como já afirmei trata-se do meu *anti-stress* à rotina diária, que me realiza na vertente artística, mas sempre com vontade de aprender mais, daí a constante procura de materiais e novas técnicas, na busca de mais saber”, acrescentou.

A advogada possui diversos trabalhos que se inserem na temática natalícia, pois “a temática do Natal é muito procurada, e sem dúvida tem o seu quê de magia e mistério. As pessoas gostam de enfeitar a casa, com elementos referentes a esta

época festiva, e, por outro lado, gostam de presentear alguns familiares e amigos com lembranças da época”, contou.

Ainda referiu que adora o Natal, pois “é a celebração católica, do nascimento de Jesus, onde imperam valores como a família, o amor, a paz, a alegria, a fraternidade”.

Catarina Quental faz todo o tipo de peças para esta época festiva, desde “presépios, árvores de Natal, pais Natal, anjos, duendes, quebra-nozes, coroa, grinaldas, com todos os materiais possíveis e à disposição, para criar sempre diferentes peças, como, por exemplo, com tecidos, esferovite, acrílico, feltro, juta, mdf, lâ, lapinha, etc. Ou seja, tudo o que for possível a nossa imaginação alcançar, nunca esquecendo que é época de magia e sonho, o que nos permite criar com maior imaginação, e maior capacidade de sonhar, com um mundo de luz e imaginário, muito apetecível para as crianças, e não só, mas sempre, sem nunca esquecer o verdadeiro espírito e significado do Natal”.

Relativamente ao Natal na sua casa, a advogada relatou que “não há Natal, cá em casa, em que não crie novas peças, e o presépio vai sempre aumentando ao longo dos anos, com a ajuda dos filhotes, que também já ganharam o gostinho na sua ornamentação, assim como o gosto pelos trabalhos manuais. Digo sempre



que a decoração já é muita, mas aparecem sempre novas ideias, projectos e vontade de fazer crescer este mundo de fantasia”.

Os trabalhos de Catarina Frias Quental estão há distância de um clique: “Os meus trabalhos estão assim à disposição no “Atelier Solinho”, página do Facebook, bem como no Instagram, não dispondo de loja física, nem venda em espaço

comercial. Eventualmente, faço alguma peça por encomenda. Infelizmente, não é dado o devido valor ao artesanato, pois a sociedade acha que é sempre um mercado dispendioso, desconhecendo o valor dos materiais, a dedicação, empenho e horas de trabalho de um artesão. Não é um mercado fácil, sobretudo na época de crise em que vivemos, cujos custos de vida só aumentam”, declarou.

Quanto ao futuro, a artesã espera fazer crescer a sua marca: “Na verdade, o que gostaria de alcançar num futuro, relativamente ao “Atelier Solinho”, seria o seu crescimento enquanto marca, o aumento do público-alvo, e maior procura de peças artesanais, com objectivo de satisfazer futuros clientes e reconhecimento, fazendo-me sonhar, criando peças que me dão prazer fazer, alcançando alegria e satisfação pessoal”.

Por fim, Catarina Quental caracterizou aquilo que o seu *atelier* representa para si: “Atelier Solinho é assim: homenagem, sonho, concretização, *anti-stress* e no fundo, amor”, concluiu.





“Aprendi as bases da cerâmica figurativa e mudou, foi como se me

*Trabalhar o barro e ver nascer uma escultura na sua
cujo dedicação e rigor*

POR ANACATARINA ROSA



É Natal e com o mesmo, muitas são as pessoas que procuram inovar na altura de proceder a enfeitar as suas casas.

Este é o trabalho da Isabel Silva Melo, professora de Artes na Escola Secundária Antero de Quental e artesã certificada na Arte de trabalhar Escama de Peixe, pelo Centro de Artesanato e Design dos Açores.

Apaixonada, desde tenra idade pelos trabalhos manuais, actualmente trabalha uma das suas maiores paixões, o barro, onde intercala uma vertente mais tradicional e contemporânea nos mesmos.

O Diário dos Açores, esteve à conversa com Isabel Silva Melo, de modo a conhecer um pouco mais do seu trabalho e perceber como a mesma vivência esta época natalícia.

Fale-nos um pouco sobre si.

Chamo-me Isabel Silva Melo, sou licenciada em Belas Artes - Escultura na Es-

cola de Belas Artes do Porto e realizei uma Pós graduação em Design de Joalheria na ESAD de Matosinhos.

Sou Professora de Artes na Escola Secundária Antero de Quental.

Vivo numa quinta, e sou apaixonada por plantas. Sou também apiculadora e as minhas abelhinhas ajudam a polinizar a quinta.

Como surgiu o gosto pelo artesanato?

Penso que sempre estive presente.

Fazia monstrosinhos em barro em pequenita, talvez com os meus 8 anos, na qual cozia num forno a lenha que o meu pai construiu para mim.

Depois lembro-me que quando tinha 15 anos e foi lançado a massa Fimo em Inglaterra, presenteava todas as amigas com brincos, anéis, etc.

Quando estava na faculdade fiz broches de acrílico e botões e pela primeira vez e os coloquei à venda, na Sayonara, tendo vendido tudo, o que me deixou muito feliz.

Sempre visitei feiras de artesanato, entre as quais a do Santo Cristo. Na minha família não era Santo Cristo sem uma visita à feira de Artesanato!

Neste momento, detém um trabalho muito direccionado para o barro. Porquê?

Em 2017, tive uma formação no Museu Carlos Machado com o Ceramista Delfim Manuel onde aprendi as bases da cerâmica figurativa de miniatura e desde então o meu mundo mudou, foi como se me tivesse reencontrado.

Fiquei desde logo apaixonada pela ce-



râmica figurativa.

Detém formação na área da escultura, este foi um facto determinante para envogar pelo artesanato?

Penso que sim, pois todas as áreas artísticas estão interligadas.

E claro está, que formação na área de escultura, foi preponderante para a evolução que tive nestes 6 anos de cerâmica figurativa.

Para além dos trabalhos a barro e dos presépios de lapinha que outros tipos de trabalhos artesanais realiza?

Estou ainda Certificada na Arte de trabalhar Escama de Peixe, pelo Centro de Artesanato e Design dos Açores.

Acredito ser uma mais-valia ter todos os meus produtos com o selo de Artesanato Certificado.

Pode-se verificar nos seus trabalhos uma combinação do tradicional com a modernidade. O que o inspira na realização dos seus trabalhos?

Numa fase inicial foram as tradições culturais e religiosas das ilhas.

Neste momento tenho estado a desenvolver trabalhos mais contemporâneos





de miniatura e desde então o meu mundo tivesse reencontrado.”

*a essência, é uma das paixões de Isabel Silva Melo,
e são visíveis a olho nú*



onde abordo temáticas como o amor, a natureza e a homenagens a pintores de quem tenho um especial apreço.

Faz trabalhos somente por encomenda ou já podemos encontra-los à venda em alguma loja?

Tenho trabalhos por encomenda e outros que apresento em feiras de artesanato ou em Mostras de Cerâmica, como por exemplo, a Oeiras Ceramic Arte que de-

correu no mês de outubro.

Tenho sempre o meu Atelier aberto por marcação para as pessoas visitarem sendo que o mesmo também funciona como loja.

Visto que nos encontramos na época, considerada por muitas pessoas, como a mais mágica do ano, o que representa para si o Natal? E qual a sua memória preferida?



É a minha altura do ano favorita.

A família junta, as jantaras, a lareira acesa, as seções de filmes ininterruptas, os aromas é uma época mágica.

A minha memória favorita era a construção do presépio. Primeiro íamos para as sete Cidades coletar pedras e musgos. Depois desempacotar as figuras uma a uma como se fosse a primeira vez que as víamos.

A montagem! A montagem eram dias

sem fim, uma cidade completa a representar a natividade. Uma vez o presépio era tão grande que ficou no quarto dos meus pais, pois era um quarto enorme, e todos os convidados visitavam o quarto deles com o presépio! Era sem dúvida a construção do presépio.

O que representam para si as suas peças?

São como filhotes, uma extensão de mim.

Quais são as suas expectativas para o futuro?

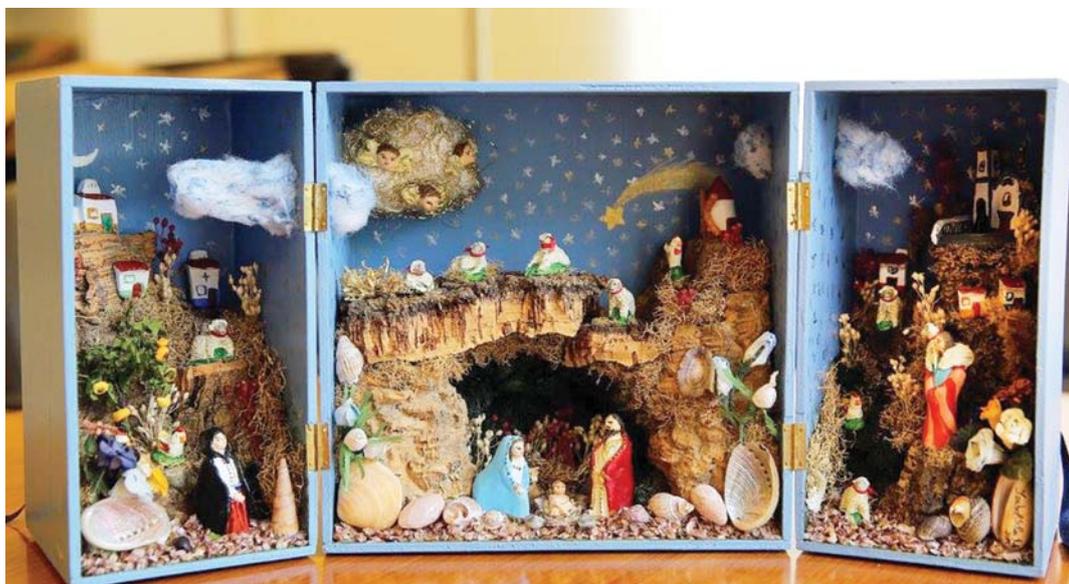
Após a Expo Açores no Natal, participo numa exposição de Presépios no Centro Municipal de Cultura com uma peça minha e com peças das minhas alunas do Atelier, assim como, com um Presépio de Lapinha elaborado por todos os meus alunos da Escola Secundária Antero de Quental.

Para o ano que vem tenho encomendas que tenho de honrar, feiras para participar e convites que estão ainda em aberto.

Também vou dar uma formação de iniciação à cerâmica na minha Escola.

Gostava de construir um forno a lenha tradicional para a queima da cerâmica e promover um encontro de ceramistas no Verão.

Tenho tantos sonhos que me é difícil ter tempo para os concretizar, mas devagarinho, espero realizá-los.





PUB.

Desde 1987



Boas festas

O bom gosto é seu...
A qualidade é nossa!

Praia dos Moinhos - São Miguel - Açores
Tel: 296 442 110 email: omoihoterracecafe@gmail.com

PUB.

Madalena
Terra de Sabores com Tradição



Madalena do Pico
Câmara Municipal da Madalena
Ergo Cardeal Costa Soares
9950-324 Madalena do Pico

PUB.

A Gráfica
Açoreana
deseja a todos
um Santo Natal
e um próspero
Ano Novo



Gráfica Açoreana
Correio dos Açores
Diário dos Açores
Atlântico Expresso
açorianíssima

TOP 5%
MELHORES PME
DE PORTUGAL

scoring®



Edição
2023



Daniel Bastos

Natal é época de solidariedade nas comunidades portuguesas

O Natal é a festa por excelência da família, da paz, do amor, da alegria, da solidariedade e da esperança num futuro melhor, que todos desejamos que a breve trecho passe pelo desfecho da Guerra na Ucrânia, pelo fim do conflito Israel-Hamas, assim como pelo incremento do crescimento da economia mundial e a sequente diminuição da inflação global.

É neste contexto socioeconómico desafiante, que o espírito solidário cintilante no seio das comunidades portuguesas espalhadas pelos quatro cantos do mundo ganha especial relevância. Nos tempos intrincados que vivemos, a diáspora lusa tem demonstrado um enorme espírito de solidariedade, o mais importante valor que nos humanizam e dão sentido ao Natal, apoiando quer os nossos compatriotas no estrangeiro, assim como os portugueses residentes no território nacional.

Um dos exemplos mais paradigmáticos de solidariedade dinamizada no seio das comunidades portuguesas é o que está a ocorrer na América do Norte, mais concretamente em Toronto, onde vive a maioria dos mais de meio milhão de compatriotas e lusodescendentes presentes no Canadá. Mormente, a construção do Magellan Community Centre, isto é, aedificação a breve prazo da “casa” para os mais velhos da comunidade luso-canadiana.

Este projeto, há muito ambicionado pelos emigrantes portugueses na maior cidade canadiana, está a ser dinamizado pela Magellan Community Charities (Instituição de Caridade Comunitária Magalhães). Uma organização sem fins lucrativos, presidida pelo comendador Manuel DaCosta, um dos mais ativos e beneméritos empresários portugueses em Toronto, que através da colaboração do poder político e da solidariedade luso-canadiana, está a edificar um lar culturalmente específico e inclusivo para a comunidade.

Nesta esteira altruísta, mas na comunidade portuguesa em França, a mais numerosa das comunidades lusas na Europa, rondando um milhão de pessoas, a Santa Casa da Misericórdia de Paris, instituição

de referência na dinamização da solidariedade no seio da diáspora na capital francesa, lançou no decurso do mês de dezembro uma Campanha de Natal para recolher produtos alimentares e de higiene. Assente no lema “Fraternidade: Combater a indiferença”, a iniciativa solidária na linha dos anos anteriores, permitirá apoiar famílias portuguesas carenciadas, na região parisiense, com cabazes de Natal.

Outro exemplo paradigmático de espírito solidário da diáspora na quadra natalícia, acontece há vários anos na comunidade portuguesa do Reino Unido, a segunda maior da Europa, formada por cerca de 400 mil pessoas. Desde 2013, ano em que foi criada em Londres, a associação Abraço Solidário, que a coletividade benemérita liderada pela madeirense Zita da Silva, se tem empenhado no apoio a causas sociais, quer junto da comunidade portuguesa no Reino Unido, como também em Portugal.

No início deste mês, no âmbito do tradicional jantar de Natal solidário, no centro de Londres, a emigrante madeirense e dirigente associativa do Abraço Solidário, destacou que as verbas solidárias arrecadadas pela coletividade serão encaminhadas para oito instituições e também uma família madeirense que foi severamente afetada pelos incêndios que ocorreram em outubro passado na pérola do Atlântico.

Estes exemplos inspiradores de solidariedade, e muitos outros que estão atualmente a serem dinamizados no seio da diáspora, robustecem que mesmo em tempos desafiantes e intrincados, o Natal é época de solidariedade nas comunidades portuguesas.

Que a solidariedade que emana das comunidades portuguesas nos irmane a todos a tornar o mundo um lugar melhor, e nos inspire uma Feliz Quadra Natalícia e um Próspero Ano Novo. Como encorajava Madre Teresa de Calcutá, exemplo cimeiro de esperança e perseverança: “É Natal sempre que deixes Deus amar os outros através de ti...sim, é Natal sempre que sorriseres ao teu irmão e lhe ofereceres a mão”.



Pe. Rodrigo Lynce de Faria

A manjedoura

Ao aproximarem-se as festas natalícias corremos o risco de sabermos muitas coisas sobre o Natal, mas esquecermo-nos de meditar a fundo no seu significado atual. É muito mais fácil permanecer no exterior da festa (prendas, doces, luzes) e evitar olhar para o nosso interior e descobrir o que Jesus nos pede que “arrumemos” na nossa alma para prepararmos bem o Seu nascimento.

Em certa ocasião, o Papa Francisco animava-nos a contemplar esse pequeno objeto que aparece citado três vezes no breve relato do Evangelho sobre a Noite de Natal: a manjedoura. É um bom modo de voltar a recuperar o sentido do Natal olharmos com calma para esse “berço” improvisado em que Jesus foi recostado logo depois de nascer.

A manjedoura é o modo como Deus nasce na História da Humanidade para fazer renascer e renovar completamente essa mesma História.

Fala-nos de proximidade e humildade: Deus, que está sentado no Céu, deixa-Se recostar numa manjedoura para estar próximo de cada

um de nós. E revela-nos que a humildade é uma virtude fundamental para chegar a Deus e para saber conviver com os outros.

Fala-nos de desprendimento: não podemos viver perto de Jesus se não nos esforçarmos por ter o coração desprendido das coisas passageiras. As verdadeiras riquezas da nossa vida são a nossa relação com Deus e com aqueles que temos à nossa volta.

Jesus foi envolvido em panos para que nos saibamos revestir de caridade com todos, começando pelos mais próximos. Não deixemos passar este Natal sem fazer algo que sabemos que Lhe agradará a Ele. Uma vez que é o Seu aniversário, ofereçamos-Lhe as prendas de que Ele gosta.

Jesus, que neste Natal eu Te contemple deitado na manjedoura dando-me exemplo de proximidade, humildade e desprendimento. Que em Teu nome eu faça renascer um pouco de Esperança no coração de tantos que já a perderam.

Um Santo Natal para todos!



PUB.

PUBLICIDADE 12/2023

FELIZ NATAL

E PRÓSPERO ANO NOVO

SUSTENTABILIDADE

SAÚDE

AMOR

FAMÍLIA

São os votos do Crédito Agrícola.



Para mais informações:

creditoagricola.pt | [f](#) [@](#) [d](#) [v](#) [in](#)

Caixa Central – Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo,
CRL registada junto do Banco de Portugal sob o nº 9000.

